

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Marcos Júnior Junges Panciera

**ARISTÓTELES SOBRE A MEMÓRIA E A ANAMNESE E OS SEUS
MOVIMENTOS**

Santa Maria, RS
2023

Marcos Júnior Junges Panciera

ARISTÓTELES SOBRE A MEMÓRIA E A ANAMNESE E OS SEUS MOVIMENTOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Filosofia**.

Orientador: Dr. José Lourenço Pereira da Silva

Santa Maria, RS
2023

Ficha gerada com os dados fornecidos pelo autor

Panciera, Marcos Júnior Junges
Aristóteles Sobre a memória e a anamnese e os seus
movimentos / Marcos Júnior Junges Panciera.-2023.
67 p.; 30cm

Orientador: José Lourenço Pereira da Silva
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências sociais e humanas, Programa de Pós-
graduação em filosofia, Santa Maria, RS, 2023.

1. Filosofia antiga 2. Filosofia da memória 3 Metafísica I.
Silva, José Lourenço Pereira da II. Panciera, Marcos Júnior
Junges. III Aristóteles Sobre a memória e a anamnese e os seus
movimentos.



Este trabalho está licenciado pela [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)
This work is licensed under the [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Marcos Júnior Junges Panciera

ARISTÓTELES SOBRE A MEMÓRIA E A ANAMNESE E OS SEUS MOVIMENTOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Filosofia**.

Aprovado em 02 de março de 2023:

José Lourenço Pereira da Silva, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Eduardo Vicentini de Medeiros, Dr. (UFSM)

Priscilla Tesch Spinelli, Dr.^a (UFRGS)

Santa Maria, RS
2023

DEDICATÓRIA

À Vanessa, ao futuro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a quem estendeu a mão, ofereceu ajuda e acreditou.

Agradeço a quem esteve comigo entre o entrar e o sair deste ciclo.

καὶ ἐν ταῖς πλείσταις ἐπιθυμίαις ἀκολουθεῖ τις ἡδονή: ἢ γὰρ μεμνημένοι ὡς ἔτυχον ἢ ἐλπίζοντες ὡς τεύξονται χαίρουσίν τινα ἡδονήν, [...] καὶ οἱ ἐρῶντες καὶ διαλεγόμενοι καὶ γράφοντες καὶ ποιῶντές τι ἀεὶ περὶ τοῦ ἐρωμένου χαίρουσιν: ἐν ἅπασι γὰρ τοῖς τοιούτοις

μεμνημένοι οἷον αἰσθάνεσθαι οἷονται τοῦ ἐρωμένου. καὶ ἀρχὴ δὲ τοῦ ἔρωτος αὕτη γίγνεται πᾶσιν, ὅταν μὴ μόνον παρόντος χαίρωσιν ἀλλὰ καὶ ἀπόντος μεμνημένοις ἐρώσιν λύπη προσγένηται τῷ μὴ παρεῖναι, ἢ μὲν γὰρ λύπη ἐπὶ τῷ μὴ ὑπάρχειν, ἡδονὴ δ' ἐν τῷ μεμνηθῆσθαι καὶ ὄραν πως ἐκεῖνον καὶ ἃ ἔπραττεν καὶ οἷος ἦν: *Ars Rhet. I, II, 10-12.*

“E na maioria dos desejos, o prazer segue; pois, seja lembrando de prazeres passados ou antecipando os que estão por vir, experimentamos um certo grau de prazer... Aqueles apaixonados, quer conversando ou escrevendo sobre seu amado, sempre encontram prazer nisso. Pois em todos esses casos, a lembrança torna o objeto de sua afeição perceptível. E assim é como o amor começa para todos: quando, mesmo na ausência do amado, experimentamos dor por não estarmos com ele, mas ao mesmo tempo encontramos prazer em lembrar e ver sua pessoa, ações e personalidade. É por essa razão que a tristeza sentida em sua ausência traz prazer na recordação e observação de seu ser e ações.”

RESUMO

ARISTÓTELES SOBRE A MEMÓRIA E A ANAMNESE E OS SEUS MOVIMENTOS

AUTOR: Marcos Júnior Junges Panciera
ORIENTADOR: José Lourenço Pereira da Silva

A presente dissertação oferece um exercício de tradução em língua portuguesa do texto aristotélico *De memoria et reminiscencia* a partir do texto grego. A tradução serve ao propósito de consulta e utilização didática em introdução à filosofia da memória e, em específico, na apresentação da teoria aristotélica da memória. O trabalho inicia por apresentar a obra, a sua estrutura e os seus argumentos principais. A seguir o exercício de tradução é apresentado em introdução sequente, as traduções consultadas são discutidas e as especificidades da presente tradução oferecida são destacadas. Os comentários ensaísticos oferecem interpretação complementar à introdução aos estudos de filosofia da memória e a contribuição original à interpretação da obra na área de filosofia grega antiga. A dissertação é concluída por considerações finais direcionadas a autoavaliação da tradução e o trabalho do tradutor.

Palavras-chave: Filosofia Antiga. Filosofia da Memória. Tradução.

ABSTRACT

ARISTOTLE ON MEMORY AND ANAMNESIS AND THEIR MOVEMENTS

AUTHOR: Marcos Júnior Junges Panciera
ADVISOR: José Lourenço Pereira da Silva

This dissertation provides an exercise in Portuguese language translation of Aristotle's text "*De Memoria et Reminiscentia*" from the Greek text. The translation serves the purpose of consultation and didactic use in an introduction to the philosophy of memory, specifically in presenting Aristotle's theory of memory. The work begins by introducing the book, its structure, and its main arguments. Next, the translation exercise is presented in the following section, where the consulted translations are discussed and the specificities of the provided translation are highlighted. The essayistic comments offer complementary interpretation to the introduction to the studies of philosophy of memory and an original contribution to the interpretation of the work in the field of ancient Greek philosophy. The dissertation concludes with final considerations directed towards self-evaluation of the translation and the translator's work.

Keywords: Ancient Greek Philosophy. Philosophy of Memory. Translation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

De Anima (DA)

De Memoria et Reminiscentia (DM)

De Sensu et Sensili (DS)

Metaphysica (Met.)

Parva Naturalia (PN)

Physica (Phys.)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO.....	18
3	SOBRE A MEMÓRIA E A ANAMNESE.....	23
3.1	DE MEMORIA I.....	23
3.2	DE MEMORIA II.....	29
4	ENSAIO.....	39
4.1	A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E TEMPO.....	42
4.2	OS MOVIMENTOS DA MEMÓRIA E DA ANAMNESE.....	44
4.2.1	A velocidade da atividade mental.....	47
4.2.2	A mudança.....	48
	APÊNDICE.....	52
	ANEXOS.....	61

1 INTRODUÇÃO

O *De memoria et reminiscencia*, nome latino para o segundo tratado de Aristóteles no compilado *Parva Naturalia* — ou simplesmente *De Memoria* como é tradicionalmente conhecido o tratado *Περί Μνήμης και Αναμνησεως* (*Peri Mnemes kai Anamneseos*) aqui traduzido por *Sobre a Memória e a Anamnese*.

As contribuições originais de tradução do texto e de comentários interpretativos constituem o presente trabalho, dividido em exercício de tradução e ensaio. A presente sessão apresenta o tratado *De Memoria*, a sua estrutura e o seu conteúdo.

O tratado possui uma organização bastante simples, está tradicionalmente dividido em duas partes, e comumente concebe-se que a primeira, concerne a explicação do que é a memória e o lembrar e como ocorrem (*DM I, 449b4 seqq.*), por sua vez, a segunda parte do tratado, concerne a explicação da anamnese (*DM II, 451a18 seqq.*). No entanto, esta divisão em duas partes não é rígida, embora pareça, uma vez que o conteúdo da segunda parte retoma os temas da memória e do lembrar e inclusive os aprofunda.

Por sua vez, o pequeno tratado, por razões de conteúdo, aproxima-se das discussões elaboradas no tratado *De Anima*, em complemento a esse último. O tratado que o antecede nos *Parva Naturalia*, o *De Sensu et Sensili* é maiormente limitado ao aprofundamento dos aspectos fisiológicos da discussão filosófica anterior elaborada no *De Anima*¹. O *De Memoria*, por sua vez, trata tanto os aspectos filosóficos, quanto fisiológicos da memória, que não foram elaborados em profundidade na obra anterior, não obstante, o tratamento teórico no pequeno tratado é uma ampliação da teorização do tratado maior — em referência ao *De Anima*. Por isso, o *De Memoria* não segue a exposição comum dos textos aristotélicos de apresentar primeiro a posição dos antecessores e prosseguir para a apresentação de uma posição própria, Aristóteles inicia por apresentar a sua posição e soma a ela a interpretação de casos que corroboram à apresentação da sua teoria da memória².

O tratado *De Memoria* apresenta a concepção aristotélica das capacidades mnemônicas, estas em seres humanos e em alguns animais, as quais são: memória e anamnese. A memória é a capacidade de retenção dos estímulos percebidos através da

1 Aristóteles no *De Anima* sobretudo nos livros II e III apresenta a sua posição sobre o que é a mente (alma) e as suas capacidades (poderes) em *DA II, 1–2*, os diferentes níveis de alma em *DA II, 3*, o nível vegetativo ou nutritivo comum a todos os seres vivos *DA II, 4*, a sensação ou percepção comum a todos os animais, os cinco sentidos e os objetos dos sentidos *DA II, 5–12*, a percepção do tempo e do movimento, o sensível comum *DA III, 1–2*, a imaginação *DA III, 3, 7, 10–11*, a relação entre a percepção e o intelecto *DA III, 4–6, 8*, a hierarquia de poderes mentais *DA III, 12*.

2 Os casos que exemplificam a teorização são em *DM I* os casos do carimbo (*450a30*), de Corisco (*450b30*) e de Antífero (*451a8*), e em *DM II* a série alfabética (*452a17*) — casos que posteriormente são comentados nesse trabalho.

passagem do tempo; já a capacidade de fazer a anamnese é a busca autônoma dos estímulos retidos, não necessariamente memorizados, após a passagem do tempo.

A argumentação de Aristóteles inicia por estabelecer a proposta da investigação que seguirá em todo o tratado em *DM I, 449b4–10*: determinar o que é a memória, o lembrar e a anamnese, as suas causas, as suas relações com a mente, e os seus objetos. Essa proposta de investigação da memória no tratado persiste entre os problemas contemporâneos em filosofia da memória — o que pode ser observado nos conteúdos do manual de filosofia da memória de Bernecker & Michaelian, 2017.

Para primeiro precisar o que é a memória, Aristóteles realiza a distinção entre memória e outras capacidades mentais e as suas relações com o tempo. Aristóteles estabelece as seguintes distinções: (1) a memória não é percepção e a memória não é expectativa (*449b11–13*); (2) a memória é do passado (*449b15*); (3) a memória não é percepção e a memória não é crença, a memória é um estado ou um estímulo do que foi percebido e ou concebido depois de passado o tempo (*449b24–25*); (4) não há memória do agora (*449b26*); (5) a percepção é do presente, a expectativa é do futuro, a memória é do passado (*449b27–28*); (6) a memória acontece com a passagem do tempo (*449b28*); e (7) a memória está somente naqueles animais que percebem o tempo (*449b28–30*).

É partir destas determinações iniciais que Aristóteles esboça a definição de memória ao encerrar a primeira parte do tratado (*451a16–451a19*): a memória e o lembrar são estados (*hexis*), são posse de uma imagem mental, esta imagem mental (*phantasma*) também é imagem-cópia (*eikon*) daquilo a que a imagem mental se refere, e a memória é da percepção comum (*koines aisthetikon*), da mesma parte que percebemos o tempo.

A memória e o tempo são relacionados, a memória é dependente do tempo, por um lado, ela depende da percepção no presente que será passado, por outro, da passagem do tempo, por ser do que não está presente, por isso, somente há memória após um lapso temporal. Ela por ser da percepção do que é comum, não há um sentido próprio do que é memória, senão que a memória é memória das percepções próprias, assim como o tempo é percebido através de cada sentido próprio, a memória é de todas as sensações, acidentalmente. Assim, ela está em animais humanos e não-humanos (*450a15–19*), e mesmo sendo da percepção comum, ela também se relaciona acidentalmente com a capacidade intelectual (*450a13–14*), pois também armazena crenças, o que foi concebido e aprendido — o que será abordado por Aristóteles na diferenciação entre anamnese e reaprendizado em *DM II*.

Aristóteles previne a contradição da memória ser do intelecto, o que a tornaria impossível para os animais não-humanos e até mesmo para o animal humano, o qual dificilmente teria memória (*DM I, 450a18–22*). Esta posição de Aristóteles parece indicar

duas possibilidades ou (1) o intelecto humano não seria suficiente para essa capacidade, ou (2) se a memória fosse do intelecto não seria da percepção ou somente acidentalmente da percepção. O que é mais plausível é a natureza da memória e a sua presença em outros animais além do humano tornam evidente que é da parte perceptiva da mente. A memória não ser do intelecto, embora se tem memória do que é intelecto, porque a memória é própria do nível mental da percepção, então, propriamente ela é memória do que é percepção e, acidentalmente, ela também é memória do que é intelectual; porque a memória é uma imagem (450a12–14), e isso é o caso de toda atividade mental para Aristóteles, as atividades mentais perceptivas e intelectivas são imagens mentais (ou *aisthemata* ou *fanstamata*). A percepção por suas imagens próprias, geradas na própria atividade perceptiva, e a intelecto por imagens da imaginação (*fantasia*), ambas participam na memória.

Está bem estabelecido que a memória é fundamentada pelo tempo, pois a memória é do que é passado (*genomenou*), depende da passagem do tempo (*chronestai*), e somente está presente nos seres que percebem o tempo (*chrono aistheton*). Aristóteles precisa explicar de que modo a memória é de algo que não é mais, de algo que não está (esse é o problema do passado apresentado em *Phys. IV, 10*). Em 450a19–22 é mais uma vez exemplificada a dependência do tempo, a memória em ato se tem um pressentimento de ter visto, ouvido, ou aprendido anteriormente, isso porque o anterior e o posterior estão no tempo (série de eventos, *Phys. IV, 11, 219a30–219b1*)³.

O problema do passado que Aristóteles precisa lidar para explicar a memória pode ser disposto da seguinte maneira: como é possível ter percepção do que não está presente ou concepção sem ser (re)aprendizado? A solução é introduzida em 450a9–15, não há memória sem uma imagem. Por isso, a memória é por acidente da atividade intelectual enquanto é própria da percepção comum, nesse sentido é evidenciado que a memória é da mesma parte da mente que a imaginação (450a22–25) — não está claro se por mesma parte Aristóteles refere-se ao mesmo nível mental ou ao mesmo órgão. A conclusão aristotélica é que o objeto próprio da memória, também é objeto da imaginação, e o objeto acidental da memória, como as concepções que são próprias do intelecto, é um objeto que não existe sem a imaginação — nesse caso também há uma discussão sobre erros de memória a ser feita.

A questão da possibilidade da memória ser do que está ausente é redisposta por Aristóteles em *DM I, 450a26–30*, como é possível ser o estímulo (a afecção) presente e a coisa, causa do estímulo, estar ausente, uma vez que a memória é somente do que não está

³ *Phys. IV, 11, 219a30–219b1* When, therefore, we perceive the ‘now’ as one, and neither as before and after in a motion nor as the same element but in relation to a ‘before’ and an ‘after’, no time is thought to have elapsed, because there has been no motion either. On the other hand, when we do perceive a ‘before’ and an ‘after’, then we say that there is time. For time is just this — number of motion in respect of ‘before’ and ‘after’.

presente? Isso por que (i) na mente o estímulo é gerado através da percepção (ou é uma intelecção), (ii) o estímulo é enquanto imagem, por fim, (iii) a posse do estímulo, isso é um estado, que é uma imagem gerada anteriormente e sua causa não é presente, essa imagem é cópia do que está ausente, a sua posse através do tempo é a memória.

Para elucidar a sua explicação da memória, Aristóteles nos oferece uma série exemplos. O primeiro é a percepção de um objeto branco, enquanto um objeto é percebido não se tem memória (*DM I, 449b16*) e o caso do triângulo e as suas propriedades, a memória de ter aprendido sobre, então não é reaprendizado (*DM I, 449b20*) — esse caso é mais relevante ao tratar da anamnese. Em *DM I, 450a26-450b10* é apresentado o caso do carimbo, a memória é uma superfície na qual é registrada a imagem da percepção a partir do movimento gerado por essa que imprime na memória — esse é um exemplo a ser discutido ao falar sobre movimentos da memória. Outro exemplo apresentado por Aristóteles são os casos de erros na formação de novas memórias, o caso da superfície endurecida e ressecada na velhice e o caso da superfície fluída excessivamente úmida na infância (*DM I, 450b4-11*). Por fim, os casos de Corisco (*DM I, 450b11-451a2*) e Antífero (*DM I, 451a8-11*), os quais serão analisados adiante.

Brevemente, o caso de Corisco exemplifica o modo como é possível ter a imagem, a cópia ou representação de algo que não está presente, de modo que, ter uma memória é mentalmente ver Corisco, quando não se está vendo Corisco por meio da percepção visual presente. O caso de Antífero, por sua vez, exemplifica a diferença entre contemplar a imagem mental do que foi experimentado pelos sentidos ou que é representação de algo passado quando não foi e nem é.

Ao concluir a primeira parte do tratado, Aristóteles tem a memória bem definida, ele encerra por sintetizar a definição de memória em *DM I, 451a15-17*, a memória (*mneme*) e o lembrar (*to mnemoneuein*) são a posse de (*hexis*), ou estado de, imagem mental (*fantasma*) enquanto cópia ou representação (*eikon*), referente ao que é anterior, e a memória pertence a percepção do que é comum a mais sentidos, a percepção primeira (*protou aisthetikou*), isto é, ela não é própria de nenhum dos cinco sentidos aristotélicos, senão que é produto accidental dos sentidos, o que também é o caso da percepção do tempo (*chronou aisthanometha*).

A segunda metade do tratado inicia por assumir por verdadeiras as conclusões estabelecidas até então e, desse modo, prossegue para determinar o tópico faltante da proposta inicial, o que é a anamnese, as suas causas, as suas relações com a mente e os seus objetos (*DM I, 449b4-10*). Para diferenciar o fazer a anamnese (*anamineskesthai*) do que até então foi estabelecido como memória, fazer a anamnese é primeiro determinado negativamente. O fazer a anamnese não é a aquisição, nem a recuperação da memória. A anamnese é gerada a partir

de movimentos que se sucedem uns aos outros, desse modo, o lembrar ocorre quando se tem em si mesmo a potência movente: a possibilidade de lembrar deliberada ou não deliberadamente. A memória e a anamnese, portanto, são processos internos, que dependem da potência movente do próprio indivíduo.

O processo da anamnese é a sucessão de um movimento a outro em série na mente (*DM II, 451b10–14, 451b22–25*), e a anamnese ocorre quando um movimento naturalmente segue outro anterior, o que pode acontecer também por hábito, frequência na reprodução desse movimento, (*451b1–12, 452a30–452b7*), o que pode ocorrer de modo deliberado ou não, para buscar algo do passado, i.e. uma percepção, uma concepção. Por ser uma atividade deliberativa, a anamnese é exclusiva do animal humano, porque depende do intelecto. No mesmo sentido, o que difere a anamnese, o lembrar, da reaprendizagem, porque para lembrar são necessários e suficientes os movimentos internos, no caso da reaprendizagem os movimentos internos não são suficientes, são necessários movimentos externos.

Aristóteles apresenta um modelo que esquematiza o modo como lembramos através dos movimentos entre os pontos em uma série (*452a18–452a30, 452b17–452b25*). O movimento entre um ponto e outro da série pode ser para se chegar ao que se busca precisamente ou até um ponto próximo. Ainda ao iniciar o movimento de fazer a anamnese, o que é o mais importante, aquele que faz a anamnese não tem controle sobre os movimentos e ao que eles podem levar, o princípio de associações de ideias, o que é destacado como via para melhora do lembrar é a frequente repetição do lembrar, realizar a anamnese é sugerido ao final de *DM I* e através da segunda parte do tratado.

As considerações fisiológicas finais do tratado praticamente não possuem valor filosófico para discussão além de marcarem aspectos histórico-culturais. A isso nos referimos a *453b–453b11* e ao que é dito sobre as dimensões dos corpos e a relação com a memória.

A divisão entre memória e anamnese é própria ao sistema aristotélico e a sua teoria da memória. O conceito de memória de Aristóteles será terreno de discussão através de séculos na história da filosofia entre filósofos cristãos e muçulmanos no medievo e no princípio da era moderna. Por sua vez, a anamnese não encontra o mesmo paralelo e é uma atividade cognitiva própria do sistema aristotélico e a sua divisão de níveis do mental. Também, a divisão do tratado *De Memoria* entre uma primeira parte sobre a memória e outra sobre a anamnese não é bem precisa, uma vez que a segunda parte dá continuidade a tópicos da primeira, complementando as posições anteriores. Assim, o que o trabalho se propõe é destacar a divisão tradicional ao mesmo tempo que tematiza problemas filosóficos na natureza da memória e da anamnese, sobretudo em suas relações com o movimento e o tempo.

2 EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO

No single translation of, any more than any single commentary on a major work of Aristotle can aspire to be definitive or even to meet the needs of more than a specific limited range of readers. Work on Aristotle, perhaps more than that on any other philosopher, necessarily falls into layers. It is evident in the case of a commentary that some readers benefit from a presentation which for other is superficial, and it is no less the case with a translation that, in the inevitable trade-off between greater readability and greater literal precision, there will be readers who will derive benefit from either end of the spectrum. (Lawson-Tancred, 1998, p. lii).

A presente tradução se qualifica melhor como exercício de tradução dedicado para apresentação didática do texto aristotélico fundamental ao estudo filosófico da memória em introdução à filosofia da memória. A tradução do grego para o português não é literal, respeitada a acurácia de correspondência entre texto original e texto vertido na língua de destino, o texto em português foi o resultado possível no equilíbrio entre o conteúdo e o estilo. No entanto, a tradução não serve ao estudo do texto grego, uma vez que não teve esse objetivo na sua produção, o seu intuito é didático, ela busca servir de auxílio à compreensão do texto direcionada à filosofia da memória.

A versão do texto grego selecionada é a de Bekker (1837). A escolha da versão foi baseada (i) na disponibilidade em domínio público do texto e (ii) no reconhecimento da edição de Bekker como fonte para investigação dos textos aristotélicos. O trabalho de tradução não se dedicou ao exame de manuscritos. A tradução aproxima-se da numeração das linhas de Bekker, no entanto, pode falhar na exatidão em alguns trechos, do mesmo modo a edição Oxford da obra completa de Aristóteles, organizada por Barnes (1995 [1984]) admite *“Each reference line contains the approximate Bekker number range of the paragraph if the work in question was included in the Bekker edition”* (p.980). De maneira complementar a tradução de Beare (1908) e na sua versão na edição de Barnes (1995) serviu de apoio.

A numeração foi disposta conforme a edição de Bekker (1837) e a edição de Ross (1906) que utilizou da versão do texto de Bekker para servir de original à sua tradução.

As referências utilizadas para notas de outras obras são Barnes (1984) quarta edição Oxford de obras completas de Aristóteles traduzidas e revisadas.

Para servir ao tradutor foram consultadas as traduções em língua inglesa de G. R. T. Ross (1906), J. I. Beare (1908), R. Sorabji (1972), D. Bloch (2007), como fontes principais na tradução e nos comentários. As traduções a seguir serviram de fontes secundárias: em língua italiana as traduções de Lanza & M. Vegetti (1971), e L. Carbone (2002); em língua espanhola a tradução de A. B. Pajares (1987); e, em língua portuguesa a tradução de C. Bini (2012).

O De Memoria é um texto que foi amplamente traduzido. As traduções consultadas somam somente uma amostra acessível das traduções existentes. Em língua inglesa a tradução

e o comentário do tratado são tradicionais, nessa língua selecionamos quatro traduções principais e de distintos períodos, a primeira, de G. R. T. Ross (1906) merece destaque pelos comentários aos tratados *DS* e *DM*; a segunda, de Beare (1908) foi reeditada posteriormente em diversas edições de compilados dos textos aristotélicos, como a edição organizada por W. D. Ross (1955) do *Parva Naturalia*; a tradução de Sorabji (1972) se destaca por seus comentários sobre a memória na antiguidade e entre a psicologia das décadas de 1960 e 1970, por último, Bloch (2007) elabora uma renovação entre as traduções através de seu minucioso trabalho com manuscritos, o que oferece uma versão renovada do texto grego, ademais da sua riqueza de comentários sobre o tratado e a filosofia da memória. As traduções em italiano e espanhol foram consultadas por agregar comentários e outras soluções para os problemas de tradução do texto aristotélico para língua portuguesa por se tratarem de línguas próximas. A tradução de Bini (2012), em língua portuguesa, ela é indispensável ao nosso trabalho crítico, porque é uma tradução disponível ao público lusófono, sobretudo brasileiro, e não consta de comentários, sendo a tradução mais acessível ao público brasileiro.

Algumas traduções não foram acessíveis ao presente trabalho, outras como as traduções em língua francesa, como a tradução de Saint-Hilaire (1847), foram excluídas da pesquisa. As traduções em língua alemã não foram consultadas, embora o seu caráter referencial para as traduções em língua inglesa do início do século passado.

Algumas escolhas terminológicas de tradução tais como *μνήμη*, *mneme*, por memória, e *κίνησις*, *kinesis*, *χρόνος*, *chronos*, por movimento e tempo e seus derivados, escolhas comuns a todas as traduções, a terminologia das traduções possui algumas divergências em termos importantes.

As traduções de G. R. T. Ross (1906) e Beare (1908) foram publicadas em um período próximo, no entanto, há diferenças significativas entre as duas. A tradução de Ross contemporiza ao desenvolvimento filosófico em psicologia e filosofia da mente de sua época, o que está marcado em suas escolhas terminológicas. Ross (1906) traduz *μνημονεύω*, *mnemoneuo*, e suas variações, por *act of remembrance*, o que evidencia (i) o verbo e a ação da memória, (ii) o contraste entre a memória ativa e a memória passiva, *mnemoneuo/mneme*. O que é a memória em ato, *energeia*, e a memória potencialmente, *dynamis*, o que é também observado por Bloch (2007).

Sobressai na tradução de Ross (1906) o afastamento da terminologia tradicional, o que não é seguido nas traduções posteriores a sua. As suas escolhas de vocabulário evidenciam a interpretação fisicalista da teoria da mente aristotélica, a causa da memória e do lembrar e a sua correspondência na mente/alma (*tin aitian gignetai kai tini ton tes psyches morion symbainei to pathos kai to anamineskesthai*) são traduzidos como “assign the physical faculty

which provides for this phenomenon and for the act of recollection” (p.100–101). Nesse mesmo sentido, também não traduz *psyche* como alma, outrossim, por mente, mesma escolha terminológica na presente tradução, e *De Anima* por *Psychology*.

A tradução de Beare (1908), por outro lado, é mais conservadora na manutenção terminológica canônica. A sua tradução está entre os compilados de obras aristotélicas de maior expressão, a organização dos *Parva Naturalia* por W. D. Ross (1955) e a edição de obras completas de Barnes (1995 [1984]) e edições seguintes. Algumas das escolhas terminológicas de Beare são reproduzidas nas traduções posteriores de Sorabji (1972) e Bloch (2007), sobretudo, a tradução de *psyche* por alma, e *phantasia* por imaginação.

A partir de Beare (1908) a tradução de *ἀναμνήσκω*, *anaminesko*, e de suas variações, como *anamineskesthai*, é mantida to *recollect/recollection*, são escolhas reproduzidas por Sorabji (1972) e Bloch (2007). Ross (1906) evidenciava o verbo *act of recollection/recollecting*, o que estabelecia paralelo com *act of remembrance* na memória em ato, a anamnese em ato.

Sorabji (1972) estrutura de modo diverso a sua tradução. Diferente das demais traduções aqui consultadas, as quais a alternância é texto original e tradução, ou somente tradução, Sorabji divide a sua tradução em tópicos e insere comentários seus entre o texto. O seu modo remonta as práticas tradicionais de escribas na recompilação de textos e tradução, nas quais comentários do tradutor e recompilador eram introduzidos entre a transcrição de um manuscrito para outro. Sorabji publica uma nova edição de sua tradução em 2004, na qual reafirma e defende a sua interpretação.

Bloch (2007) produziu uma excelente tradução, talvez, atualmente, a tradução em língua inglesa mais acurada, através da revisão dos manuscritos disponíveis do texto grego, a versão do texto original é sua reconstrução. Ambos Sorabji (1972, 2004) e Bloch (2007) compartilham o interesse na posterior recepção do tratado aristotélico na antiguidade e no medievo, apesar das diferenças em suas abordagens.

A recepção do texto aristotélico é de difícil interpretação, isso mesmo para os comentadores posteriores na antiguidade e também no medievo, sobremaneira ao leitor contemporâneo, nesse sentido o apoio derivado de comentadores mais próximos de nós, o que cumpre o objetivo de oferecer tradução e comentários que servem ao estudo de filosofia da memória.

As traduções de Ross (1906), Sorabji (1972, 2004) e Bloch (2007) nos oferecem frutíferos comentários interpretativos do texto aristotélico, os quais a discussão será aprofundada na seção de comentários do presente trabalho. O conjunto de autores oferece

valioso trabalho reconstrutivo e elucidativo de passagens obscuras e, por vezes, corrompidas nos manuscritos, a dissertação se utilizou do trabalho desses para lidar com esses problemas.

Ao encerrar a introdução à tradução alguns destaques são necessários. Três escolhas de terminologia na presente tradução merecem destaque, as escolhas de tradução de *pathos*, *psyche* e *anamnesis*, assim como os demais termos derivados desses. Para as escolhas de termos para tradução foi considerado sobretudo o diálogo que o texto poderia realizar com os estudos contemporâneos de filosofia da memória.

Para *πάθος*, *pathos*, tradicionalmente, traduzido como paixão e afecção, a escolha foi traduzir por estímulo, assim, o que afeta estimula, o que é afetado é estimulado; o que mantém a noção de princípio ativo sobre receptor passivo.

Para *ψυχή*, *psyche*, tradicionalmente, traduzido como alma, a escolha foi traduzir por mente, o que não gera perdas de sentido significativas para o público da tradução e corrobora para a discussão do texto em filosofia da memória e filosofia da mente. Essa escolha já fora realizado por Ross (1906).

Para *ἀνάμνησις*, *anamnesis*, a escolha foi o cognato anamnese, presente nas traduções e debates da filosofia platônica, no entanto, é ofuscado na discussão da filosofia aristotélica, Bini (2012) realiza um malabarismo vocabular para traduzir *anamnesis* por revocação. Por entender que Aristóteles está redefinindo o problema da memória a luz de conceitos já existentes de seu antecessor a escolha foi manter o termo anamnese — o que persiste no debate da filosofia platônica. O termo também persiste no jargão médico contemporâneo, a anamnese compõe o diagnóstico, ela é a recuperação do passado que pode estar associado a condição presente, o histórico de saúde do paciente, na medicina é anamnese é utilizada como método de recordar as correlações do histórico de saúde de pacientes para determinar as possíveis causas de enfermidade para o diagnóstico.

É importante destacar que a voz dos verbos gregos foi por vezes ignorada, dada a incapacidade do tradutor de encontrar uma solução que capturasse a completude do sentido conferido, sobretudo, pela voz média, sem fazer o uso de uma flexão reflexiva. Outro problema para tradução da voz média e, por vezes, também da passiva, foi a escolha terminológica de “fazer a anamnese” para traduzir *anamneskesthai* <ἀναμνήσκεσθαι> e correlatos.

Por fim, uma errata introdutória, na tradução constam trechos entre colchetes, os quais são adições do tradutor que visaram melhorar a compreensibilidade dos trechos e, na maioria dos casos, oferecer explicação adicional, as inserções obedeceram ao critério de que a leitura pudesse fluir com ou sem a sua leitura nas frases. Contudo, há trechos nos quais a separação entre as adições do tradutor e a compreensibilidade da tradução não permitiram manter esse

mesmo critério de separação, nessas o texto foi somente traduzido sem marcação, uma indicação desses trechos poderia ser inserida, no entanto, um critério entre explicabilidade e interpretação deveria ser introduzido previamente.

3 SOBRE A MEMÓRIA E A ANAMNESE

3.1 DE MEMORIA I

I MEMÓRIA

449b4–449b9 περὶ μνήμης καὶ τοῦ μνημονεύειν [449b5], τί ἐστὶ, καὶ διὰ τίν' αἰτίαν γίγνεται, καὶ τίνι τῶν τῆς ψυχῆς μορίων συμβαίνει τοῦτο τὸ πάθος καὶ τὸ ἀναμνησθεσθαι· οὐ γὰρ οἱ αὐτοὶ εἰσὶ μνημονικοὶ καὶ ἀναμνηστικοί, ἀλλ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ μνημονικώτεροι μὲν οἱ βραδεῖς, ἀναμνηστικώτεροι δὲ οἱ ταχεῖς καὶ εὐμαθεῖς.

449b4–450a9 Sobre a memória e o lembrar [449b5], [dizemos] o que são, e por qual causa acontecem, e a qual parte da mente pertencem esse estímulo e o fazer a anamnese. Pois não são os mesmos os que melhor memorizam e os que melhor fazem a anamnese, senão quem melhor memoriza são os lentos, enquanto quem melhor faz a anamnese são os rápidos e ágeis [de pensamento e aprendizado].

449b10–449b11 Πρῶτον μὲν οὖν ληπτέον ποῖά ἐστὶ τὰ μνημονευτά· πολλάκις γὰρ ἕξαπατᾷ τοῦτο.

449b10–449b11 Primeiro, consideramos de que tipo são os objetos da memória, porque sobre isso muitos se enganam sobre quais são eles.

449b11–449b26 Οὔτε γὰρ τὸ μέλλον ἐνδέχεται μνημονεύειν, ἀλλ' ἔστι δοξαστὸν καὶ ἐλπιστὸν (εἶη δ' ἂν καὶ ἐπιστήμη τις ἐλπιστική, καθάπερ τινές φασὶ τὴν μαντικήν), οὔτε τοῦ παρόντος, ἀλλ' αἴσθησις· [449b15] ταύτη γὰρ οὔτε τὸ μέλλον οὔτε τὸ γεγόμενον γνωρίζομεν, ἀλλὰ τὸ παρὸν μόνον. Ἡ δὲ μνήμη τοῦ γενομένου· τὸ δὲ παρὸν ὅτε πάρεστιν, οἷον τοδὶ τὸ λευκὸν ὅτε. ὄρᾳ, οὐδεὶς ἂν φαίη μνημονεύειν, οὐδὲ τὸ θεωρούμενον, ὅτε θεωρῶν τυγχάνει καὶ ἐννοῶν· ἀλλὰ τὸ μὲν αἰσθάνεσθαι φησι, τὸ δ' ἐπίστασθαι μόνον· [449b20] ὅταν δ' ἄνευ τῶν ἐνεργειῶν ἔχη τὴν ἐπιστήμην καὶ τὴν αἴσθησιν, οὕτω μέμνηται τὰς τοῦ τριγώνου ὅτι δύο ὀρθαῖς ἴσαι, τὸ μὲν ὅτι ἔμαθεν ἢ ἐθεώρησεν, τὸ δὲ ὅτι ἤκουσεν ἢ εἶδεν ἢ ὅ τι τοιοῦτον· αἰεὶ γὰρ ὅταν ἐνεργῇ κατὰ τὸ μνημονεύειν, [449b25] οὕτως ἐν τῇ ψυχῇ λέγει, ὅτι πρότερον τοῦτο ἤκουσεν ἢ ἦσθετο ἢ ἐνόησεν.

449b11–449b26 Não é possível lembrar do futuro, pois do futuro somente é possível ter opinião e expectativa “(e se é possível ter conhecimento do que é expectativa, conforme alguns afirmam, essa ciência é a adivinhação)”. Também não é possível ter memória do presente, senão que a percepção é do presente. [449b15] O conhecimento via percepção, não é do futuro, nem do passado, nós somente conhecemos o que está presente através da percepção. A memória é do passado. Já o presente é quando está presente, por exemplo, um objeto branco, quando alguém o vê não pode dizer que está lembrando daquilo que vê enquanto vê. Lembrar tampouco é contemplação, quando alguém contempla um objeto entende aquilo que contempla é um objeto; nem se lembra ao perceber e ao conhecer, porque somente afirma o objeto que está presente; [449b20] porém, quando sem as ações de conhecer e de perceber, conhece e percebe, então é o caso que está lembrando, por exemplo, do objeto formal, que dos ângulos de um triângulo dois são iguais, não porque assim aprendemos e contemplamos, mas porque escutamos, vimos triângulos tais como esses anteriormente; porque quando o lembrar está em ato, [449b25] então se diz na mente, que anteriormente ouviu, ou percebeu, ou pensou.

449b26–449b34 Ἔστι μὲν οὖν ἡ μνήμη οὔτε αἰσθησις οὔτε ὑπόληψις, ἀλλὰ τούτων τινὸς ἕξις ἢ πάθος, ὅταν γένηται χρόνος. Τοῦ δὲ νῦν ἐν τῷ νῦν οὐκ ἔστι μνήμη, καθάπερ εἴρηται καὶ πρότερον, ἀλλὰ τοῦ μὲν παρόντος αἰσθησις, [449b30] τοῦ δὲ μέλλοντος ἐλπίς, τοῦ δὲ γενομένου μνήμη. Διὸ μετὰ χρόνου πᾶσα μνήμη. Ὡσθ’ ὅσα χρόνου αἰσθάνεται, ταῦτα μόνον τῶν ζώων μνημονεύει, καὶ τούτῳ ᾧ αἰσθάνεται.

449b26–449b34 A memória não é nem percepção, nem concepção. Mas desses, da percepção e da concepção, ela é estado ou estímulo, ao passar o tempo. Não há memória do agora no agora, de acordo com o que foi dito também anteriormente, a percepção é do presente, [449b30] a expectativa é do futuro, a memória é do passado. Portanto, toda memória é com o tempo. Assim são somente os mesmos animais que percebem o tempo, os que lembram, e eles lembram com a mesma parte da mente que percebe o tempo.

449b34–450a14 Ἐπεὶ δὲ περὶ φαντασίας εἴρηται πρότερον ἐν τοῖς περὶ ψυχῆς, καὶ νοεῖν οὐκ ἔστιν ἄνευ φαντάσματος· [450a] συμβαίνει γὰρ τὸ αὐτὸ πάθος ἐν τῷ νοεῖν ὅπερ καὶ ἐν τῷ διαγράφειν· ἐκεῖ τε γὰρ οὐθὲν προσχρώμενοι τῷ τὸ ποσὸν ὠρισμένον εἶναι τὸ τριγώνου, ὅμως γράφομεν ὠρισμένον κατὰ τὸ ποσόν· καὶ ὁ νοῶν ὡσαύτως, κἂν μὴ ποσὸν νοῆ, [450a5] τίθεται πρὸ ὁμμάτων ποσόν, νοεῖ δ’ οὐχ ἢ ποσόν. Ἄν δ’ ἡ φύσις ἢ τῶν ποσῶν, ἀόριστον δέ, τίθεται μὲν ποσὸν ὠρισμένον, νοεῖ δ’ ἢ ποσὸν μόνον. Διὰ τίνα μὲν οὖν αἰτίαν οὐκ ἐνδέχεται

νοεῖν οὐδὲν ἄνευ τοῦ συνεχοῦς, οὐδ' ἄνευ χρόνου τὰ μὴ ἐν χρόνῳ ὄντα, [450a10] ἄλλος λόγος. Μέγεθος δ' ἀναγκαῖον γνωρίζειν καὶ κίνησιν ᾧ καὶ χρόνον, καὶ τὸ φάντασμα τῆς κοινῆς αἰσθήσεως πάθος ἐστίν. Ὡστε φανερόν ὅτι τῷ πρώτῳ αἰσθητικῷ τούτων ἡ γνῶσις ἐστίν. Ἡ δὲ μνήμη καὶ ἡ τῶν νοητῶν οὐκ ἄνευ φαντάσματός ἐστίν.

449b34–450a14 Pois sobre a imaginação falamos anteriormente no *De Anima*, que não existe pensamento sem imagens mentais; [450a] porque acontece o mesmo estímulo no pensar e no desenhar um diagrama; porque sem usarmos determinação quantitativa para um triângulo, mesmo assim o desenhamos determinado quantitativamente; e quem pensa assim, sem uma quantia determinada, quando não pensa em uma quantia, [450a5] mesmo assim dispõe diante dos olhos [mentalmente] uma quantia determinada, mas não a pensa como uma quantia. Se a natureza da quantia do que é pensado é indeterminada, a quantia posta diante dos olhos é determinada, ela somente é pensada enquanto quantia. Por essa causa, então, não é possível pensar em nada sem a continuidade, nem sem a quantia e nem sem o tempo, os entes que não estão no tempo, [450a10] esses são por outra razão. Necessariamente, a magnitude e o movimento são conhecidos através da mesma capacidade que o tempo, e as imagens mentais são estímulos da percepção comum. Donde torna-se evidente que o conhecimento desses vêm a ser através da percepção primeira.

[também o tempo e as imagens mentais] são conhecidos por estímulos da percepção comum. A memória e o que é pensável não são sem imagens mentais. Assim, é evidente que a memória pertence acidentalmente ao intelecto [à parte pensante] e essencialmente pertence a percepção primeira, a percepção comum, pertencem o conhecimento desses: magnitude, movimento, tempo, imagens mentais.

450a15–450a24 Ὡστε τοῦ νοουμένου κατὰ συμβεβηκὸς ἂν εἶη, καθ' αὐτὸ δὲ τοῦ πρώτου αἰσθητικοῦ. Διὸ καὶ ἑτέροις τισὶν ὑπάρχει τῶν ζώων, καὶ οὐ μόνον ἀνθρώποις καὶ τοῖς ἔχουσι δόξαν ἢ φρόνησιν. Εἰ δὲ τῶν νοητικῶν τι μορίων ἦν, οὐκ ἂν ὑπῆρχε πολλοῖς τῶν ἄλλων ζώων, ἴσως δ' οὐδενὶ τῶν θνητῶν, [450a20] ἐπεὶ οὐδὲ νῦν πᾶσι διὰ τὸ μὴ πάντα χρόνου αἰσθησιν ἔχειν· ἀεὶ γὰρ ὅταν ἐνεργῇ τῇ μνήμῃ, καθάπερ καὶ πρότερον εἵπομεν, ὅτι εἶδε τοῦτο ἢ ἤκουσεν ἢ ἔμαθε, προσαισθάνεται ὅτι πρότερον· τὸ δὲ πρότερον καὶ ὕστερον ἐν χρόνῳ ἐστίν.

450a15–450a24 Portanto são da percepção primeira. Por isso também a memória está em alguns outros animais, e não somente no animal humano, o qual tem de opinião e

sagacidade [também os outros animais, que somente tem sagacidade são capazes de memória]. Se a memória fosse da parte pensante [da mente intelectual] ela não estaria em vários outros animais [além do animal humano] talvez nem mesmo estivesse em algum mortal do mesmo modo nem em nenhum mortal, ou seja, nem mesmo no animal humano, [450a20] como nem mesmo agora está em todos os animais porque nem todos percebem o tempo; assim a memória quando em ato, como também dissemos, ou que viu ou ouviu ou aprendeu, porque percebeu anteriormente; porque o anterior e o posterior estão no tempo.

450a24–450a27 Τίνος μὲν οὖν τῶν τῆς ψυχῆς ἐστὶν ἡ μνήμη [450a25], φανερόν, ὅτι οὐπὲρ καὶ ἡ φαντασία· καὶ ἔστι μνημονευτὰ καθ’ αὐτὰ μὲν ὅσα ἐστὶ φανταστά, κατὰ συμβεβηκὸς δὲ ὅσα μὴ ἄνευ φαντασίας.

450a24–450a27 É evidente que a memória [450a25] está na mesma parte da alma que também é a mesma parte da imaginação; também o que é propriamente objeto da memória, tanto também é objeto da imaginação, por acidente não é possível ter memória sem imaginação [— e o que é objeto da imaginação não necessariamente é objeto da memória].

450a27–450b12 Ἀπορήσειε δ’ ἂν τις πῶς ποτὲ τοῦ μὲν πάθους παρόντος τοῦ δὲ πράγματος ἀπόντος μνημονεύεται τὸ μὴ παρόν. Δῆλον γὰρ ὅτι δεῖ νοῆσαι τοιοῦτον τὸ γινόμενον [450a30] διὰ τῆς αἰσθήσεως ἐν τῇ ψυχῇ καὶ τῷ μορίῳ τοῦ σώματος τῷ ἔχοντι αὐτήν, οἷον ζωγράφημά τι τὸ πάθος, οὗ φαμέν τὴν ἔξιν μνήμην εἶναι· ἡ γὰρ γινομένη κίνησις ἐνσημαίνεται οἷον τύπον τινὰ τοῦ αἰσθήματος, καθάπερ οἱ σφραγιζόμενοι τοῖς δακτυλίοις. [450b] Διὸ καὶ τοῖς μὲν ἐν κινήσει πολλῇ διὰ πάθος ἢ δι’ ἡλικίαν οὓσιν οὐ γίνεται μνήμη, καθάπερ ἂν εἰς ὕδωρ ῥέον ἐμπιπτούσης τῆς κινήσεως καὶ τῆς σφραγίδος· τοῖς δὲ διὰ τὸ ψήχεσθαι, καθάπερ τὰ παλαιὰ τῶν οἰκοδομημάτων, [450b5] καὶ διὰ σκληρότητα τοῦ δεχομένου τὸ πάθος οὐκ ἐγγίνεται ὁ τύπος. Διόπερ οἱ τε σφόδρα νέοι καὶ οἱ γέροντες ἀμνήμονές εἰσιν· ῥέουσι γὰρ οἱ μὲν διὰ τὴν αὔξησιν, οἱ δὲ διὰ τὴν φθίσιν. Ὅμοίως δὲ καὶ οἱ λίαν ταχεῖς καὶ οἱ λίαν βραδεῖς οὐδέτεροι φαίνονται μνήμονες· οἱ μὲν γὰρ εἰσιν ὑγρότεροι τοῦ δέοντος, [450b10] οἱ δὲ σκληρότεροι· τοῖς μὲν οὖν οὐ μένει τὸ φάντασμα ἐν τῇ ψυχῇ, τῶν δ’ οὐχ ἄπτεται.

450a27–450b12 Impõe-se a aporia: quando o estímulo está presente e a coisa ausente, de que modo é possível lembrar da coisa que não está presente. Isso é claramente porque se deve pensar aquele estímulo que é gerado [450a30] na mente através da percepção e na parte do corpo a qual pertence, que o estímulo é como uma imagem gravada, estado que dizemos

ser memória. Pois o movimento gerado marcou como uma impressão, um registro do percepto, tal qual se registram com carimbos. [450b] Por isso também os que são muito movidos por conta de estímulos ou pela idade [os muito jovens] não formam memória, tal como se [o estímulo] no movimento do carimbo imprimisse sobre um fluxo d'água na investida do movimento do carimbo. O mesmo acontece dado o desgaste [da superfície onde está o registro], como em uma construção velha [450b5] [os idosos], e dado o endurecimento do que recebe o estímulo não forma a impressão, o registro. Tanto é por causa disso que os excessivamente jovens como também os idosos não têm memória; fluem [incapazes de retenção] porque esses atravessam o crescimento, aqueles atravessam o envelhecimento [declínio]. Do mesmo modo os muito ágeis e os muito lentos [450b10] não parecem ter boa memória; os primeiros porque são mais úmidos que o devido, os últimos porque estão endurecidos; aqueles por um lado não imprimem a imagem mental na alma, esses, por outro lado, não a fixam [dois problemas de registro: não há permanência nos muito jovens e não há retenção nos muito velhos].

450b12–451a3 Ἄλλ' εἰ δὴ τοιοῦτόν ἐστι τὸ συμβαῖνον περὶ τὴν μνήμην, πότερον τοῦτο μνημονεύει τὸ πάθος, ἢ ἐκεῖνο ἀφ' οὗ ἐγένετο; Εἰ μὲν γὰρ τοῦτο, τῶν ἀπόντων οὐδὲν ἂν μνημονεύοιμεν· [450b15] εἰ δ' ἐκεῖνο, πῶς αἰσθανόμενοι τούτου μνημονεύομεν, οὗ μὴ αἰσθανόμεθα, τὸ ἀπόν; Εἴτ' ἐστὶν ὁμοιον ὥσπερ τύπος ἢ γραφὴ ἐν ἡμῖν, τούτου αὐτοῦ ἢ αἴσθησις διὰ τί ἂν εἴη μνήμη ἐτέρου, ἀλλ' οὐκ αὐτοῦ τούτου; Ὁ γὰρ ἐνεργῶν τῇ μνήμῃ θεωρεῖ τὸ πάθος [450b20] τοῦτο καὶ αἰσθάνεται τούτου. Πῶς οὖν τὸ μὴ παρὸν μνημονεύει; Εἴη γὰρ ἂν καὶ ὁρᾶν τὸ μὴ παρὸν καὶ ἀκούειν. Ἡ ἔστιν ὡς ἐνδέχεται καὶ συμβαίνει τοῦτο; Οἶον γὰρ τὸ ἐν τῷ πίνακι γεγραμμένον καὶ ζῶον ἐστὶ καὶ εἰκὼν, καὶ τὸ αὐτὸ καὶ ἐν τοῦτ' ἐστὶν ἄμφω, τὸ μέντοι εἶναι οὐ ταῦτόν ἀμφοῖν, [450b25] καὶ ἔστι θεωρεῖν καὶ ὡς ζῶον καὶ ὡς εἰκόνα, οὕτω καὶ τὸ ἐν ἡμῖν φάντασμα δεῖ ὑπολαβεῖν καὶ αὐτὸ τι καθ' αὐτὸ εἶναι θεώρημα καὶ ἄλλου φάντασμα. Ἡ μὲν οὖν καθ' αὐτό, θεώρημα ἢ φάντασμα ἐστὶν, ἢ δ' ἄλλου, οἶον εἰκὼν καὶ μνημόνευμα. [450b30] Ὡστε καὶ ὅταν ἐνεργῇ ἢ κίνησις αὐτοῦ, ἂν μὲν ἢ καθ' αὐτό ἐστὶ, ταύτη αἴσθηται ἢ ψυχὴ αὐτοῦ, οἶον νόημά τι ἢ φάντασμα φαίνεται ἐπελθεῖν· ἂν δ' ἢ ἄλλου, ὥσπερ ἐν τῇ γραφῇ ὡς εἰκόνα θεωρεῖ, καὶ μὴ ἐωρακῶς τὸν Κορίσκον ὡς Κορίσκου· ἐνταῦθά τε ἄλλο τὸ πάθος τῆς θεωρίας [451a] ταύτης καὶ ὅταν ὡς ζῶον γεγραμμένον θεωρῇ, ἐν τε τῇ ψυχῇ τὸ μὲν γίνεται ὥσπερ νόημα μόνον, τὸ δ' ὡς ἐκεῖ ὅτι εἰκὼν, μνημόνευμα.

450b12–451a3 Se realmente é isso o que acontece no que concerne a memória, o lembrar é do estímulo ou é do objeto que gerou o estímulo? Porque se é do estímulo não é possível que nos lembremos daquilo que está ausente; [450b15] se o que nos lembramos é do

objeto que percebemos anteriormente, que não percebemos no presente, como lembramos o que está ausente? Se o estímulo em nós é como uma impressão ou uma inscrição, por que a percepção disso seria memória de algo diferente, e não dela mesma [da própria inscrição ou impressão]? Porque quando a memória está em ato, esse estímulo [450b20] é o que propriamente contempla e isso é o que percebe. Então, como alguém se lembra do que não está presente? Pois também seria possível ver e ouvir o que não está presente. Ou é mesmo possível que isso aconteça? Pois tanto o desenho de um animal em um quadro é um animal quanto é uma cópia de um animal, isso e aquilo são os mesmos, no entanto o ser de ambos não é o mesmo, e é possível contemplar como animal e como cópia, desse modo, a imagem mental em nós é a representação daquilo que está presente enquanto vê [o objeto presente] e a imagem mental também é a representação [do objeto ausente] daquilo que é visto quando o objeto não está presente. [450b25] Enquanto [a imagem] é do próprio objeto [que está presente], é representação [percepção] e imagem mental, e enquanto [a imagem] é de outro [do que está ausente], a mesma imagem mental é uma cópia e uma memória. [450b30] Portanto, assim também quando o seu movimento na mente está em ato, se o mesmo não for por si próprio, essa mesma percepção está na mente, o que segue é pensamento ou imagem mental; por outro lado, quando é de outro, na inscrição e no contemplar da cópia, sem estar vendo Corisco vê a cópia de Corisco; aqui diferem o estímulo da própria contemplação [451a] e o estímulo do contemplar o animal desenhado, na mente o primeiro acontece como pensamento apenas, o último porque é uma cópia, é uma memória.

451a3–451a9 Καὶ διὰ τοῦτο ἐνίσιτ' οὐκ ἴσμεν, ἐγγινομένων ἡμῖν ἐν τῇ ψυχῇ τοιούτων κινήσεων ἀπὸ τοῦ αἰσθέσθαι πρότερον, [451a5] εἰ κατὰ τὸ ἡσθηθῆσθαι συμβαίνει, καὶ εἰ ἔστι μνήμη ἢ οὐ διστάζομεν· ὅτε δὲ συμβαίνει ἐννοῆσαι καὶ ἀναμνησθῆναι ὅτι ἠκούσαμεν τι πρότερον ἢ εἶδομεν. Τοῦτο δὲ συμβαίνει, ὅταν θεωρῶν ὡς αὐτὸ μεταβάλλῃ καὶ θεωρῆ ὡς ἄλλου.

451a3–451a9 E, por causa disso, às vezes não conhecemos quando em nossa mente tais movimentos aconteceram porque nós percebemos anteriormente, [451a5] duvidamos se reproduzem o que tínhamos percebido, e então se são memória ou não; mas acontece que nós pensamos e fazemos a anamnese quando escutamos ou vimos algo anteriormente. Isso acontece porque quando contemplando o que é próprio, quem contempla muda e contempla como o que é de um outro.

451a9–451a13 Γίνεται δὲ καὶ τούναντίον, [451a10] οἷον συνέβη Ἀντιφέροντι τῷ Ὠρείτῃ καὶ ἄλλοις ἐξισταμένοις· τὰ γὰρ φαντάσματα ἔλεγον ὡς γινόμενα καὶ ὡς μνημονεύοντες. Τοῦτο δὲ γίνεται, ὅταν τις τὴν μὴ εἰκόνα ὡς εἰκόνα θεωρῇ.

451a9–451a13 Também acontece o contrário, [451a10] o caso de Antífero de Oreus e de outros instáveis [nos quais os estados mudam frequentemente]; porque eles dizem que as suas imagens mentais realmente aconteceram e que eles lembram. Porque isso sempre acontece quando eles contemplam por imagem cópia o que não é uma cópia.

451a13–451a16 Αἰ δὲ μελέται τὴν μνήμην σώζουσι τῷ ἐπαναμιμνήσκειν· τοῦτο δ' ἐστὶν οὐδὲν [451a15] ἕτερον ἢ τὸ θεωρεῖν πολλάκις ὡς εἰκόνα καὶ μὴ ὡς καθ' αὐτό.

451a13–451a16 Os cuidados com a memória a preservam através de repetidamente fazer a anamnese; que o fazer a anamnese [451a15] não é nada mais que contemplar com frequência a imagem-cópia como algo de outro e não como algo próprio.

451a16–451a19 Τί μὲν οὖν ἐστὶ μνήμη καὶ τὸ μνημονεύειν, εἴρηται, ὅτι φαντάσματος, ὡς εἰκόνοσ οὗ φάντασμα, ἕξις, καὶ τίνος μορίου τῶν ἐν ἡμῖν, ὅτι τοῦ πρώτου αἰσθητικοῦ, καὶ ᾧ χρόνου αἰσθανόμεθα.

451a16–451a19 O que é então a memória e o lembrar, dissemos, que é a posse de uma imagem mental, que é uma imagem-cópia daquilo a que a imagem mental se refere, é um estado, e a qual parte a memória pertence em nós, então que ela é da percepção primeira, com a qual também percebemos o tempo.

3.2 DE MEMORIA II

II

ANAMNESE

451a20–451a26 Περὶ δὲ τοῦ ἀναμιμνήσκεσθαι λοιπὸν εἰπεῖν. Πρῶτον μὲν οὖν ὅσα ἐν τοῖς ἐπιχειρηματικοῖς λόγοις ἐστὶν ἀληθῆ, δεῖ τίθεσθαι ὡς ὑπάρχοντα. Οὔτε γὰρ μνήμης ἐστὶν ἀνάληψις ἢ ἀνάμνησις οὔτε λήψις· ὅταν γὰρ τὸ πρῶτον ἢ μάθη ἢ πάθη, οὔτ' ἀναλαμβάνει μνήμην οὐδεμίαν [451a25] (οὐδεμία γὰρ προέγονεν) οὔτ' ἐξ ἀρχῆς λαμβάνει· ὅταν δὲ ἐγγένηται ἢ ἕξις καὶ τὸ πάθος, τότε ἡ μνήμη ἐστίν.

451a20–451a26 Resta falar sobre a anamnese. Primeiramente assumimos como verdadeiras as conclusões até então das discussões preliminares. A anamnese não é nem a reaquisição, nem a aquisição original da memória; porque primeiro quando se aprende ou se é estimulado, a memória nada recupera [451a25] (porque nada disso é anterior para ser recuperado) nem a memória é adquirida originalmente; é somente quando o estado ou o estímulo já foram produzidos [na própria mente] que assim se tem memória.

451a27–451b Ὡστε μετὰ τοῦ πάθους ἐγγινομένου οὐκ ἐγγίνεται. Ἔτι δ' ὅτε τὸ πρῶτον ἐγγέγονε τῷ ἀτόμῳ καὶ ἐσχάτῳ, τὸ μὲν πάθος ἐνυπάρχει ἤδη τῷ παθόντι καὶ ἡ ἐπιστήμη, εἰ δεῖ καλεῖν ἐπιστήμην τὴν ἔξιν ἢ τὸ πάθος [451a30] (οὐθέν δὲ κωλύει κατὰ συμβεβηκὸς βεβηκὸς καὶ μνημονεύειν ἕνια ὧν ἐπιστάμεθα)· τὸ δὲ μνημονεύειν καθ' αὐτὸ οὐχ ὑπάρχει πρὶν χρονισθῆναι· μνημονεύει γὰρ νῦν ὃ εἶδεν ἢ ἔπαθε πρότερον, οὐχ ὃ νῦν ἔπαθε, νῦν μνημονεύει.

451a27–451b Então, enquanto ocorre o estímulo não é possível recuperá-lo [não há memória do que acontece enquanto acontece]. Ademais, quando é primeiramente produzido no indiviso e último órgão da percepção [na percepção comum], o estímulo atual já está inerente em quem foi estimulado ou tem conhecimento, se necessariamente chamamos conhecimento um estado ou um estímulo [451a30] (nada impede que por acidente se possa lembrar algo de que se tem conhecimento); no entanto, [a disposição para] lembrar em si não existe ainda, sem a passagem do tempo; porque agora lembra da imagem do que foi percebido ou estimulado anteriormente, não do que é estimulado agora, que agora lembra.

451b–451b12 Ἔτι δὲ φανερόν ὅτι μνημονεύειν ἐστὶ μὴ νῦν ἀναμνησθέντα, ἀλλ' ἐξ ἀρχῆς αἰσθόμενον ἢ παθόντα. Ἄλλ' ὅταν ἀναλαμβάνῃ ἢν πρότερον εἶχεν ἐπιστήμην ἢ αἴσθησιν ἢ οὐ ποτὲ τὴν ἔξιν ἐλέγομεν μνήμην, [451b5] τοῦτ' ἐστὶ καὶ τότε τὸ ἀναμιμνήσκεσθαι τῶν εἰρημένων τι. Τὸ δὲ μνημονεύειν συμβαίνει, καὶ μνήμη ἀκολουθεῖ. Οὐδὲ δὴ ταῦτα ἀπλῶς, ἐὰν ἔμπροσθεν ὑπάρξαντα πάλιν ἐγγένηται, ἀλλ' ἔστιν ὥς, ἔστι δ' ὥς οὐ. Δις γὰρ μαθεῖν καὶ εὐρεῖν ἐνδέχεται τὸν αὐτὸν τὸ αὐτό· [451b10] δεῖ οὖν διαφέρειν τὸ ἀναμιμνήσκεσθαι τούτων, καὶ ἐνούσης πλείονος ἀρχῆς ἢ ἐξ ἧς μανθάνουσιν ἀναμιμνήσκεσθαι.

451b–451b12 Ainda é evidente que o lembrar, mesmo sem que agora a anamnese seja feita, é senão daquilo que no princípio foi percebido ou estimulado. Mas quando alguém recupera o conhecimento ou a percepção ou o estado que antes possuía, esse estado é o que chamamos de

memória, [451b5] e é nesse caso que o fazer a anamnese pode ser aplicada ao que foi dito. E, por sua vez, o lembrar acontece, e é acompanhado pela memória. No entanto, não é em todos os casos, que a redistribuição daquilo que aconteceu [conta como anamnese], às vezes pode ser [considerado anamnese], em outras pode não ser. Isso porque se pode aprender e descobrir novamente a mesma coisa; [451a10] portanto se deve diferenciar o fazer a anamnese desses casos, e isso é assim porque o princípio da anamnese é mais amplo que o do reaprendizado.

451b12–451b19 Συμβαίνουσι δ' αἰ ἀναμνήσεις, ἐπειδὴ πέφυκεν ἡ κίνησις ἤδη γενέσθαι μετὰ τήνδε· εἰ μὲν ἐξ ἀνάγκης, δῆλον ὡς ὅταν ἐκείνη κινηθῆ, τήνδε κινηθήσεται· [451b15] εἰ δὲ μὴ ἐξ ἀνάγκης ἀλλ' ἔθει, ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ κινηθήσεται. Συμβαίνει δ' ἐνίους ἅπαξ ἐθισθῆναι μᾶλλον ἢ ἄλλους πολλάκις κινουμένους· διὸ ἔνια ἅπαξ ἰδόντες μᾶλλον μνημονεύομεν ἢ ἕτερα πολλάκις.

451b12–451b19 As anamneses acontecem porque seguem naturalmente do movimento gerado por outro [movimento]; se [seguem] necessariamente, então ao que o primeiro é movido, o outro também será movido; [451b15] se não [seguem] necessariamente, mas [seguem] por hábito, serão por vários movimentos. Acontece que alguns movimentos são mais habituais que outros; por isso que, às vezes, alguns lembram melhor o que viram uma vez do que outros que viram [a mesma coisa] várias vezes.

451b20–451b21 Ὅταν οὖν ἀναμνησκώμεθα, κινούμεθα τῶν προτέρων τινὰ κινήσεων, ἕως ἂν κινηθῶμεν μεθ' ἧν ἐκείνη εἴωθεν.

451b20–451b21 Quando, portanto, fazemos a anamnese, movemos segundo o que foi movido antes, até movermos para o que já é habitualmente conhecido.

451b21–451b26 Διὸ καὶ τὸ ἐφεξῆς θηρεύομεν νοήσαντες ἀπὸ τοῦ νῦν ἢ ἄλλου τινός, καὶ ἀφ' ὁμοίου ἢ ἐναντίου ἢ τοῦ σύνεγγυς. Διὰ τοῦτο γίνεται ἡ ἀνάμνησις· αἰ γὰρ κινήσεις τούτων τῶν μὲν αἰ αὐταί, [451b25] τῶν δ' ἅμα, τῶν δὲ μέρος ἔχουσιν, ὥστε τὸ λοιπὸν μικρὸν ὃ ἐκινήθη μετ' ἐκεῖνο.

451b21–451b26 O que explica o porquê caçamos através de uma série [de coisas relacionadas], começamos a buscar do momento presente ou de um outro qualquer, a partir do que é parecido ou do que é oposto ou do que é contíguo. Assim a anamnese é gerada; a partir desses movimentos, alguns são idênticos, [451b25] outros simultâneos, outros ainda não

possuindo uma parte [em comum], assim, o que resta, o que se move em conjunto com aquela parte, é o mínimo.

451b26–451b33 Ζητοῦσι μὲν οὖν οὕτω, καὶ μὴ ζητοῦντες δ’ οὕτως ἀναμιμνήσκονται, ὅταν μεθ’ ἐτέραν κίνησιν ἐκείνη γένηται· ὡς δὲ τὰ πολλὰ ἐτέρων γενομένων κινήσεων οἶων εἶπομεν, ἐγένετο ἐκείνη. Οὐδὲν δὲ δεῖ σκοπεῖν τὰ πόρρω, [451b30] πῶς μεμνήμεθα, ἀλλὰ τὰ σύνεγγυς· δῆλον γὰρ ὅτι ὁ αὐτός ἐστι τρόπος, λέγω δὲ τὸ ἐφεξῆς, οὐ προζητήσας οὐδ’ ἀναμνησθεῖς.

451b22–451b33 Assim é que buscam na anamnese, e também quando não a buscam fazer [isto é a anamnese não-deliberada], [lembram-se] quando ocorre um movimento sucessivo ao outro; e, assim ao que acontecem os movimentos antecedentes que, o movimento particular que se busca na anamnese se segue. Por isso não precisamos seguir uma série na qual o início e o fim são muito distantes [451b30] para poder lembrar, mas o que está próximo serve [por contiguidade ou associação de ideias]; pois é claro que o método é o mesmo, isto é, funcionará por contiguidade, e não tendo sido buscado ou anamnesiado de antemão.

451b33–452a7 Τῷ γὰρ ἔθει ἀκολουθοῦσιν αἱ κινήσεις ἀλλήλαις, ἥδε μετὰ τήνδε. Καὶ ὅταν τοίνυν ἀναμιμνήσκεσθαι βούληται, τοῦτο ποιήσει· [451b35] ζητήσει λαβεῖν ἀρχὴν κινήσεως, μεθ’ ἣν ἐκείνη ἔσται. [452a] Διὸ τάχιστα καὶ κάλλιστα γίνονται ἀπ’ ἀρχῆς αἱ ἀναμνήσεις· ὡς γὰρ ἔχουσι τὰ πράγματα πρὸς ἀλληλα τῷ ἐφεξῆς, οὕτω καὶ αἱ κινήσεις. Καὶ ἔστιν εὐμνημόνευτα ὅσα τάξιν τινὰ ἔχει, ὥσπερ τὰ μαθήματα· τὰ δὲ φαύλως καὶ χαλεπῶς. [452a5] Καὶ τούτῳ διαφέρει τὸ ἀναμιμνήσκεσθαι τοῦ πάλιν μανθάνειν, ὅτι δυνήσεται πῶς δι’ αὐτοῦ κινήθῃναι ἐπὶ τὸ μετὰ τὴν ἀρχήν.

451b33–452a7 Pois por hábito, os movimentos tendem a suceder uns aos outros em uma certa ordem. Portanto, quando se deseja fazer a anamnese, faz-se isso: [451b35] é iniciado um movimento em sequência até o movimento que se busca lembrar. [452a] Isso explica por que a anamnese é mais bem-sucedida quando se decide o início do movimento. Isso ocorre porque os movimentos se sucedem uns aos outros, de modo que aqueles dispostos em uma ordem fixa são mais fáceis de lembrar, como as demonstrações da geometria, enquanto os que não seguem uma ordem são mais difíceis de lembrar. [452a5] Nesse sentido, fazer a anamnese difere da reaprendizagem, uma vez que quem faz a anamnese [lembra] pode mover-se para o que segue [a partir] do princípio.

452a7–452a18 Ὅταν δὲ μή, ἀλλὰ δι’ ἄλλου, οὐκέτι μέμνηται. Πολλάκις δ’ ἤδη μὲν ἀδυνατεῖ ἀναμνησθῆναι, ζητεῖν δὲ δύναται καὶ εὐρίσκει. Τοῦτο δὲ γίνεται κινουῦντι πολλά, [452a10] ἕως ἂν τοιαύτην κινήση κίνησιν ἣ ἀκολουθήσει τὸ πρᾶγμα. Τὸ γὰρ μεμνησθαί ἐστι τὸ ἐνεῖναι δυνάμει τὴν κινουῦσαν· τοῦτο δέ, ὥστ’ ἐξ αὐτοῦ καὶ ὧν ἔχει κινήσεων κινήθῆναι, ὥσπερ εἴρηται. Δεῖ δὲ λαβέσθαι ἀρχῆς. Διὸ ἀπὸ τόπων δοκοῦσιν ἀναμιμνήσκεσθαι ἐνίστε. [452a15] Τὸ δ’ αἴτιον ὅτι ταχὺ ἀπ’ ἄλλου ἐπ’ ἄλλο ἔρχονται, οἷον ἀπὸ γάλακτος ἐπὶ λευκόν, ἀπὸ λευκοῦ δ’ ἐπ’ ἀέρα, καὶ ἀπὸ τούτου ἐφ’ ὑγρόν, ἀφ’ οὗ ἐμνήσθη μετοπώρου, ταύτην ἐπιζητῶν τὴν ὥραν.

452a7–452a18 Quando não é possível fazer isso por conta própria, mas somente através de um outro [fator externo], então não se tem memória. Muitas vezes o que se quer buscar é difícil de ser anamneseado, mas ainda é possível buscar por isso e encontrar. Isso acontece quando se faz muitos movimentos, [452a10] até que se realize o movimento que sucede a coisa que se busca lembrar. Pois lembrar é ter em si mesmo a potência movente; isso de modo que o mover seja a partir dos movimentos que se tem, como já foi dito. É preciso começar de um princípio [algum lugar como ponto de partida]; por isso às vezes a anamnese é feita a partir de lugares. [452a15] A causa é que se chega rapidamente de um lugar a outro, como, por exemplo, do leite para o branco, do branco para o ar, e a partir daí para o úmido, do qual se pode chegar ao outono, a estação que se buscava lembrar.

452a18–452a30 Ἔοικε δὴ καθόλου ἀρχὴ καὶ τὸ μέσον πάντων· εἰ γὰρ μὴ πρότερον, ὅταν ἐπὶ τοῦτο ἔλθῃ, μνησθήσεται, [452a20] ἢ οὐκέτ’ οὐδὲ ἄλλοθεν, οἷον εἴ τις νοήσειεν ἐφ’ ὧν Α Β Γ Δ Ε Ζ Η Θ· εἰ γὰρ μὴ ἐπὶ τοῦ Ε μέμνηται, ἐπὶ τοῦ Ε Θ ἐμνήσθη· ἐντεῦθεν γὰρ ἐπ’ ἄμφω κινήθῆναι ἐνδέχεται, καὶ ἐπὶ τὸ Δ καὶ ἐπὶ τὸ Ε. Εἰ δὲ μὴ τούτων τι ἐπιζητεῖ, ἐπὶ τὸ Γ ἐλθὼν μνησθήσεται, εἰ τὸ Η ἢ τὸ Ζ ἐπιζητεῖ. Εἰ δὲ μή, ἐπὶ τὸ Α· [452a25] καὶ οὕτως ἀεί. Τοῦ δ’ ἀπὸ τοῦ αὐτοῦ ἐνίστε μὲν μνησθῆναι ἐνίστε δὲ μή, αἴτιον ὅτι ἐπὶ πλείω ἐνδέχεται κινήθῆναι ἀπὸ τῆς αὐτῆς ἀρχῆς, οἷον ἀπὸ τοῦ Γ ἐπὶ τὸ Ζ ἢ τὸ Δ. Ἐὰν οὖν μὴ διὰ παλαιοῦ κινήται, ἐπὶ τὸ συνηθέστερον κινεῖται· ὥσπερ γὰρ φύσις ἤδη τὸ ἔθος.

452a18–452a30 Em geral, parece que o ponto médio [o que está entre um ponto e outro] em tudo serve como princípio [para fazer a anamnese]; porque se não se lembra ao chegar ao que é anterior [ao que busca], então vai lembrar ao chegar [ao que busca], ou se não, [se não lembrar assim], [452a20] não se lembrará [em nenhuma circunstância], tal como se alguém pensasse a série Α Β Γ Δ Ε Ζ Η Θ: porque se não se lembrar [ao chegar] em Ε, então se lembrará [ao partir] de Ε para Θ; porque é possível ser movido em ambas as direções, seja em

direção a Δ [seja em direção a Θ também a partir de E]. Se, por outro lado, a busca não for de nenhum desses, se não busca algo entre Z ou Θ, lembrará ao chegar em Γ, caso contrário, [se não lembra em Γ, lembrará] em direção a A, [452a25]; e assim sempre [é possível encontrar o que busca]. Às vezes é possível lembrar quando se parte do mesmo ponto, às vezes não, a causa disso é por que é possível, do mesmo princípio [ponto de partida], ser movido [para mais de um ponto] de Γ em direção a Z ou apenas [chegar] até Δ. Então, se não é movido pelo [caminho] que é mais antigo [a sua causa], será movido em direção ao que é mais habitual [o seu caminho mais frequente]; nesse caso, o hábito funciona como [movimento por] natureza.

452a30–452b7 Διὸ ἄ πολλάκις ἐννοοῦμεν, ταχὺ ἀναμνησκομέθα· ὥσπερ γὰρ φύσει τόδε μετὰ τόδε ἐστίν, οὕτω καὶ ἐνεργείᾳ· [452b] τὸ δὲ πολλάκις φύσιν ποιεῖ. Ἐπεὶ δ' ὥσπερ ἐν τοῖς φύσει γίνεται, καὶ παρὰ φύσιν καὶ ἀπὸ τύχης, ἔτι μᾶλλον ἐν τοῖς δι' ἔθος, οἷς ἡ φύσις γε μὴ ὁμοίως ὑπάρχει· ὥστε κινηθῆναι ἐνίοτε κάκεῖ καὶ ἄλλως, ἄλλως τε καὶ ὅταν ἀφέλκη ἐκεῖθεν αὐτόσε πη. [452b5] Διὰ τοῦτο καὶ ὅταν δέη ὄνομα μνημονεῦσαι, παρόμοιον μὲν, εἰς δ' ἐκεῖνο σολοικίζομεν. Τὸ μὲν οὖν ἀναμνησθεσθαι τοῦτον συμβαίνει τὸν τρόπον.

452a30–452b7 Por isso, sobre o que pensamos com frequência, fazemos a anamnese mais rapidamente; pois assim [os movimento] um após o outro se seguem por natureza, dessa maneira em ato; [452b] por sua vez, a frequência [do hábito] faz ser [em potência] por natureza. Assim acontecem entre os [movimentos] por natureza, também entre os que acontecem contra natureza e os que são por acaso, sobretudo nesses são por hábito, para os quais a natureza certamente não é a mesma; portanto, por vezes se é movido de um ponto [que é o lugar natural e conseguinte na série], outras vezes para outro [um outro lugar na série], isso acontece especialmente quando algo impele a se mover para outro ponto. [452b5] Por isso quando é necessário se lembrar de um nome, pode acontecer de lembrar um semelhante, então confundimos ao pronunciar o que buscávamos inicialmente. Então é assim que a anamnese é feita.

452b7–452b16 Τὸ δὲ μέγιστον, γνωρίζειν δεῖ τὸν χρόνον, ἢ μέτρῳ ἢ ἀορίστως. Ἔστω δέ τι ᾧ κρίνει τὸν πλείω καὶ ἐλάττω· [452b10] εὐλογον δ' ὥσπερ τὰ μεγέθη· νοεῖ γὰρ τὰ μεγάλα καὶ πόρρω οὐ τῷ ἀποτείνειν ἐκεῖ τὴν διάνοιαν, ὥσπερ τὴν ὄψιν φασί τινες (καὶ γὰρ μὴ ὄντων ὁμοίως νοήσει), ἀλλὰ τῇ ἀνάλογον κινήσει· ἔστι γὰρ ἐν αὐτῇ τὰ ὅμοια σχήματα καὶ κινήσεις. Τίνι οὖν διοίσει, ὅταν τὰ μείζω νοῆ; [452b15] Ἦ ὅτι ἐκεῖνα νοεῖ, ἢ τὰ ἐλάττω; Πάντα γὰρ τὰ ἐντὸς ἐλάττω, ὥσπερ ἀνάλογον καὶ τὰ ἐκτός.

452b7–452b16 O mais importante, contudo, é conhecer o tempo, seja por medida determinada ou indeterminadamente. [452b10] Deve haver algo pelo qual se distingue o mais do menos, assim como acontece com as grandezas. A intelecção das grandezas e distâncias não é alcançada pela extensão [da intelecção], como alguns afirmam ser o caso da visão [que vai até o objeto] (pois é possível pensar em algo mesmo sem que isso exista); mas sim, por movimento proporcional, uma vez que há no intelecto figuras e movimentos semelhantes. Portanto, em que diferem os pensamentos, quando alguém pensa em objetos maiores e quando pensa em objetos que são menores? [452b15] Pois tudo que é interno [mental] é menor e é proporcional ao que é exterior.

452b17–452b25 Ἔστι δ' ἴσως ὥσπερ καὶ τοῖς εἶδεσιν ἀνάλογον λαβεῖν ἄλλο ἐν αὐτῷ, οὕτω καὶ τοῖς ἀποστήμασιν. Ὡσπερ οὖν εἰ τὴν Α Β Β Ε κινεῖται, ποιεῖ τὴν Α Δ· ἀνάλογον γὰρ ἢ Α Γ καὶ ἢ Γ Δ. [452b20] Τί οὖν μᾶλλον τὴν Γ Δ ἢ τὴν Ζ Η ποιεῖ; Ἡ ὡς ἢ Α Γ πρὸς τὴν Α Β ἔχει, οὕτως ἢ τὸ Θ πρὸς τὴν Μ ἔχει. Ταύτας οὖν ἅμα κινεῖται. Ἄν δὲ τὴν Ζ Η βούληται νοῆσαι, τὴν μὲν Β Ε ὁμοίως νοεῖ, ἀντὶ δὲ τῶν Θ Ι τὰς Κ Λ νοεῖ· αὗται γὰρ ἔχουσιν ὡς Ζ Α πρὸς Β Α.

452b17–452b25 Talvez, assim como [na mente] se pode para si receber [através da percepção] algo diferente, mas proporcional, em relação às formas, também se pode receber algo proporcional em relação às distâncias. Por exemplo, ao ser movido de Α Β, Β Ε, então produz [o movimento de] Α Δ; porque [os movimentos de] Α Γ e Γ Δ são proporcionais. Por que então é produzido [o movimento de] Γ Δ em vez de Ζ Η? Isso é por que [os movimentos de] Α Γ está para Α Β, como [o movimento] de Θ para Μ. Por esses [movimentos] se é movido simultaneamente. Mas se se deseja pensar Ζ Η, então é o mesmo pensar Β Ε, em vez de pensar Θ Ι para Κ Λ; porque estes estão [relacionados] como Ζ Α para Β Α.

452b25–452b35 Ὅταν οὖν ἅμα ἢ τε τοῦ πράγματος γίνηται κίνησις καὶ ἢ τοῦ χρόνου, τότε τῆ μνήμη ἐνεργεῖ. Ἄν δ' οἴηται μὴ ποιῶν, οἶεται μνημονεύειν· οὐθὲν γὰρ κωλύει διαψευσθῆναι τινα καὶ δοκεῖν μνημονεύειν μὴ μνημονεύοντα. Ἐνεργοῦντα [452b30] δὲ τῆ μνήμη μὴ οἶεσθαι ἀλλὰ λανθάνειν μεμνημένον οὐκ ἔστιν· τοῦτο γὰρ ἦν αὐτὸ τὸ μεμνησθαι. Ἄλλ' ἐὰν ἢ τοῦ πράγματος γένηται χωρὶς τῆς τοῦ χρόνου ἢ αὕτη ἐκείνης, οὐ μέμνηται. [452b35].

452b26–452b35 Quando então são gerados simultaneamente os movimentos do objeto e do tempo, então, a memória está em ato. Se não se faz assim [não se move para o objeto e no

tempo], porém se supõe que faz assim, supõe lembrar; porque é possível estar enganado, e supor que se lembra sem ter memória. Porém não é possível que, quando a memória está em ato, não acreditar que lembra enquanto está lembrando [necessariamente quando lembra, acredita que está lembrando]. Não obstante, se ocorrer o movimento do objeto sem o do tempo, ou o do tempo sem o do outro [do objeto], então não lembra. [452b35].

452b35–453a11 Ἡ δὲ τοῦ χρόνου διττὴ ἐστίν· ὅτε μὲν γὰρ μέτρῳ οὐ μέμνηται αὐτό, οἷον ὅτι τρίτην ἡμέραν ὀδήποτε ἐποίησεν, [453a] ὅτε δὲ καὶ μέτρῳ· ἀλλὰ μέμνηται καὶ ἐὰν μὴ μέτρῳ. Εἰώθασιν δὲ λέγειν ὅτι μέμνηται μὲν, πότε μέντοι οὐκ ἴσασιν, ὅταν τοῦ πότε μὴ γνωρίζωσι τὸ ποσὸν μέτρῳ. [453a5] Ὅτι μὲν οὖν οὐχ οἱ αὐτοὶ μνημονικοὶ καὶ ἀναμνηστικοί, ἐν τοῖς πρότερον εἴρηται. Διαφέρει δὲ τοῦ μνημονεύειν τὸ ἀναμνησθεσθαι οὐ μόνον κατὰ τὸν χρόνον, ἀλλ’ ὅτι τοῦ μὲν μνημονεύειν καὶ τῶν ἄλλων ζώων μετέχει πολλά, τοῦ δ’ ἀναμνησθεσθαι [453a10] οὐδὲν ὡς εἰπεῖν τῶν γνωριζομένων ζώων, πλὴν ἄνθρωπος.

453a–453a11 A dualidade do [movimento do] tempo é a seguinte: às vezes é possível lembrar com uma medida determinada, como, por exemplo, que alguém fez algo há três dias, e outras vezes é possível lembrar sem uma medida determinada. Embora se diga que se lembra, pode não se saber exatamente quando, quando não se tem conhecimento preciso sobre o período de tempo. [453a5] É importante notar que os que memorizam e os que fazem a anamnese não são os mesmos, como discutido anteriormente. A diferença entre memorizar e fazer a anamnese não se limita ao tempo, mas também ao fato de que a memória está presente em muitos outros animais, enquanto a anamnese [453a10] é uma capacidade exclusiva do animal humano.

453a11–453a16 Αἴτιον δ’ ὅτι τὸ ἀναμνησθεσθαι ἐστίν οἷον συλλογισμὸς τις· ὅτι γὰρ πρότερον εἶδεν ἢ ἤκουσεν ἢ τι τοιοῦτον ἔπαθε, συλλογίζεται ὁ ἀναμνησκόμενος, καὶ ἐστίν οἷον ζήτησίς τις. Τοῦτο δ’ οἷς καὶ τὸ βουλευτικὸν ὑπάρχει, [453a15] φύσει μόνοις συμβέβηκεν· καὶ γὰρ τὸ βουλεύεσθαι συλλογισμὸς τίς ἐστίν.

453a11–453a16 Isso é por causa do fazer a anamnese ser como se fosse um tipo de raciocínio [dedutivo]; porque deduz que anteriormente viu, ou ouviu, ou teve algum tipo de estímulo, ao fazer a anamnese e faz isso como se fosse um tipo de busca. Por sua vez, [a capacidade de fazer a anamnese] está presente por natureza somente naqueles que a capacidade de deliberar [453a15] existe [no animal humano]; porque o deliberar é um tipo de raciocínio [dedutivo].

453a16-453a23 Ὅτι δὲ σωματικόν τι τὸ πάθος καὶ ἡ ἀνάμνησις ζήτησις ἐν τοιούτῳ φαντάσματος, σημεῖον τὸ παρενοχλεῖν ἐνίου, ἐπειδὴν μὴ δύνωνται ἀναμνησθῆναι, καὶ πάνυ ἐπέχοντας τὴν διάνοιαν, [453a20] καὶ οὐκέτ' ἐπιχειροῦντας ἀναμνησθεσθαι οὐδὲν ἦττον, καὶ μάλιστα τοὺς μελαγχολικούς· τούτους γὰρ φαντάσματα κινεῖ μάλιστα.

453a16-453a23: Mas o fato de que a afecção e a memória são de natureza corporal em tal caso é indicado pelo fato de que algumas pessoas ficam perturbadas quando não conseguem se lembrar e sua mente fica bloqueada, [453a20] não conseguindo mais tentar se lembrar de nada, especialmente aqueles que são melancólicos, pois são especialmente agitados por essas imagens.

453a23-453a28 Αἴτιον δὲ τοῦ μὴ ἐπ' αὐτοῖς εἶναι τὸ ἀναμνησθεσθαι, ὅτι καθάπερ τοῖς βάλλουσιν οὐκέτι ἐπ' αὐτοῖς τὸ στηῆσαι, οὕτω καὶ ὁ ἀναμνησκόμενος καὶ θηρεύων σωματικόν τι κινεῖ, ἐν ᾧ τὸ πάθος. Μάλιστα δ' ἐνοχλοῦνται οἷς ἂν ὑγρότης τύχη ὑπάρχουσα περὶ τὸν αἰσθητικὸν τόπον· [453a25] οὐ γὰρ ῥαδίως παύεται κινήθεισα, ἕως ἂν ἐπέλθῃ τὸ ζητούμενον καὶ εὐθυπορήσῃ ἡ κίνησις.

453a23-453a28 A causa pela qual o fazer a anamnese não está sob o próprio controle é que, como aqueles que arremessam alguma coisa não tem mais o controle sobre a coisa arremessada, assim também aquele que faz a anamnese e busca [o que é do passado] move algo em seu corpo, no qual há um estímulo. Por sua vez, são especialmente incomodados [por não ter controle sobre a anamnese] aqueles que têm umidade [nas partes] onde percebem [nos órgãos da percepção], porque essa [superfície úmida] não se aquieta facilmente após ser movida, até que a busca ou o movimento findem.

453a28-453a31 Διὸ καὶ ὄργαι καὶ φόβοι, ὅταν τι κινήσωσιν, [453a30] ἀντικινούντων πάλιν τούτων οὐ καθίστανται, ἀλλ' ἐπὶ τὸ αὐτὸ ἀντικινοῦσιν.

453a28–453a31 Portanto, é por isso que a raiva e o medo, quando são movidos por algo, [453a30] mesmo movimentos contrários não impedem enquanto esses mesmos [movimentos da raiva e do medo] não cessam, mas [a raiva e o medo] resistem contra esses [movimentos contrários].

453a31–453a35 Καὶ ἔοικε τὸ πάθος τοῖς ὀνόμασι καὶ μέλεσι καὶ λόγοις, ὅταν διὰ στόματος γένηται τι αὐτῶν σφόδρα· παυσάμενοι γὰρ καὶ οὐ βουλομένοις ἐπέρχεται πάλιν ἄδειν ἢ λέγειν.

453a31–453a35 E o mesmo estímulo parece ocorrer com os nomes, as melodias e as palavras, quando são pronunciados com grande frequência: depois que paramos [de pronunciar ou cantarolar] e não queremos mais, surgem [os nomes, as melodias, as palavras] novamente para [repetir] o canto ou a fala.

453b–453b11 Εἰσὶ δὲ καὶ οἱ τὰ ἄνω μείζω ἔχοντες καὶ οἱ νανώδεις ἀμνημονέστεροι τῶν ἐναντίων διὰ τὸ πολὺ βάρος ἔχειν ἐπὶ τῷ αἰσθητικῷ, καὶ μήτ' ἐξ ἀρχῆς τὰς κινήσεις δύνασθαι ἐμμένειν ἀλλὰ διαλύεσθαι, μήτ' ἐν τῷ ἀναμιμνήσκεσθαι ῥαδίως εὐθυπορεῖν. [453b5] Οἱ δὲ πάμπαν νέοι καὶ λίαν γέροντες ἀμνήμονες διὰ τὴν κίνησιν· οἱ μὲν γὰρ ἐν φθίσει, οἱ δ' ἐν αὐξήσει πολλῇ εἰσίν· ἔτι δὲ τὰ γε παιδία καὶ νανώδη ἐστὶ μέχρι πόρρω τῆς ἡλικίας. Περὶ μὲν οὖν μνήμης καὶ τοῦ μνημονεύειν, τίς ἢ φύσις αὐτῶν καὶ τίνοι τῶν τῆς ψυχῆς μνημονεύει τὰ ζῶα, [45310] καὶ περὶ τοῦ ἀναμιμνήσκεσθαι, τί ἐστὶ καὶ πῶς γίνεται καὶ διὰ τί τιν' αἰτίαν, εἴρηται.

453b–453b11 Há aqueles que, assim como os anões, possuem a parte superior [a cabeça] muito grande, esses são mais propensos a esquecer [não têm capacidade de fazer a anamnese com sucesso], pois tanto aqueles que têm as partes muito grandes quanto os que têm muito pequenas, não conseguem manter os movimentos a partir do princípio, tais [movimentos] são perdidos, não conseguem fazer a anamnese facilmente. [453b5] Os jovens e os muito velhos também são mais esquecidos por causa do movimento: uns [os muito velhos] pelo envelhecimento, enquanto os outros [os muito jovens] porque estão em grande crescimento [movimento]; além do mais, as crianças [esquecem facilmente] até avançarem a idade porque [no que diz respeito à memória] são semelhantes aos anões. Portanto, sobre a memória e o fazer a anamnese, foi dito: quais são as suas naturezas e com que parte da mente os animais lembram, [453b10] e sobre como o fazer a anamnese ocorre, e a explicação está dada.

4 ENSAIO

πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδένα ὀρέγονται φύσει. (*Met. I, 1, 980a22*)⁴

“Por natureza todos humanos buscam conhecer.” a abertura da *Metaphysica* de Aristóteles afirma o ato de conhecer εἰδένα como próprio do animal humano, o que é justificado pelo prazer da percepção sensorial. A capacidade da percepção é compartilhada entre animal humano e animais não-humanos, isso porque a percepção é precisamente o que determina o animal enquanto animal (*DA II, 2, 413b et seq.*)⁵. E é a partir da percepção que em alguns animais a memória é possível, no entanto, somente possuem memória aqueles animais que percebem o tempo (*DM I, 449b28–30; 450a15–19*). Por sua vez, esses animais que possuem memória são mais inteligentes e capazes de aprender⁶ (*Met. I, 1, 980a28–980b25*)⁷. Aristóteles hierarquiza as capacidades cognitivas de modo que a memória está posicionada como fundamento ao aprendizado e ao conhecimento. Através da interdependência de capacidades biológicas e psíquicas que o sistema aristotélico configura, de capacidades mais básicas e comuns até as capacidades mais elevadas dentre os seres que

4 *Met. I, 1, 980a22–980a27* All men by nature desire to know. An indication of this is the delight we take in our senses; for even apart from their usefulness they are loved for themselves; and above all others the sense of sight. For not only with a view to action, but even when we are not going to do anything, we prefer sight to almost everything else. The reason is that this, most of all the senses, makes us know and brings to light many differences between things.

5 *DA II, 2, 413a32–413a34* This power of self-nutrition can be separated from the other powers mentioned, but not they from it—in mortal beings at least. The fact is obvious in plants; for it is the only psychic power they possess.

DA II, 2, 413b1–413b13 This is the originative power the possession of which leads us to speak of things as living at all, but it is the possession of sensation that leads us for the first time to speak of living things as animals; for even those beings which possess no power of local movement but do possess the power of sensation we call animals and not merely living things. The primary form of sense is touch, which belongs to all animals. Just as the power of self-nutrition can be separated from touch and sensation generally, so touch can be separated from all other forms of sense. (By the power of self-nutrition we mean that part of the soul which is common to plants and animals: all animals whatsoever are observed to have the sense of touch.) What the explanation of these two facts is, we must discuss later. At present we must confine ourselves to saying that soul is the source of these phenomena and is characterized by them, viz. by the powers of self-nutrition, sensation, thinking, and movement.

6 Para Aristóteles, o aprendizado se dá pela combinação da audição e da memória (*Met. I, 1, 980b21 et seq.*). Nesse mesmo sentido, em *DS 437a et seq.* ao discutir sobre a relação dos sentidos e o intelecto ele afirma que entre os sentidos, a privação congênita da audição é pior que a privação da visão, pois na sua concepção, marcada pelos julgamentos de sua época, a audição era o sentido próprio da aprendizagem, o que ele destaca que os surdos seriam menos capazes de aprender. Essa perspectiva indica uma dominância da oralidade no processo de ensino-aprendizagem e uma visão marcadamente negativa sobre pessoas com deficiência na antiguidade helênica.

7 *Met. I, 1, 980a28–980b25* By nature animals are born with the faculty of sensation, and from sensation memory is produced in some of them, though not in others. And therefore the former are more intelligent and apt at learning than those which cannot remember; those which are incapable of hearing sounds are intelligent though they cannot be taught, e.g. the bee, and any other race of animals that may be like it; and those which besides memory have this sense of hearing, can be taught.

possuem algum nível mental, Aristóteles introduz as capacidades que são exclusivas ao humano, as atividades mentais próprias do *nous*, a *techné* e o *logos*⁸.

A memória, como dito anteriormente, ocupa um nível intermediário nessa hierarquia, ela é uma capacidade que, além de estar presente no animal humano, também está presente em alguns animais não-humanos, e é um poder fundamental para outros mais elevados, *e.g.* a experiência, *empeiria* — esse último, embora pouco frequente, também está presente em alguns animais não-humanos, a depender da sua sagacidade (*phronesis*). Assim, o comentário inicial sobre a memória em *Met. I, 1* serve de fundamento para introduzir a discussão sobre o que é mais elevado na hierarquia aristotélica, o conhecimento e as ciências, e dentre as ciências, a ciência das primeiras causas (*Met. I, 3*).

Além da *Metaphysica*, as referências à memória estão espalhadas através da obra aristotélica, nos textos que referenciam a presente análise, a memória é abordada na *Metaphysica* (*Met. I, 1*) e na *Physica* (*Phys. V, 2; VII, 3*), também no *De Anima* (*DA I, 4; III, 3*), e no *De Sensu* (*DS I*). Entretanto, a memória somente é tratada em profundidade no pequeno tratado *De Memoria*, no qual Aristóteles estabelece a sua contribuição ao tema, o que se pode considerar como teoria aristotélica da memória.

É sabido que Aristóteles não foi o primeiro a se ocupar do tema da memória (*mneme*) e da anamnese (*anamnesis*). Entre os filósofos da antiguidade grega, Platão, mestre de Aristóteles, elaborou tematicamente os mesmos conceitos, a memória e a anamnese, entre os seus escritos, Chappell (2008, p.385 et ss.) divide em três temas principais (i) a memória como conhecimento através do tempo, (ii) as discussões sobre o lembrar e a anamnese no *Meno* e no *Phaedo*, (iii) os exemplos do bloco de cera e do aviário no *Theatetus*. Não é fortuito que Aristóteles tenha se interessado pelo tema da memória.

Contudo, o tratamento dado por Aristóteles ao tema diverge, e muito, de seu antecessor. Isso é explicado pela diferença de princípios estabelecidos para derivar as suas conclusões. A concepção aristotélica de mente, o funcionamento das atividades mentais, sobretudo, a percepção, e, além, de suas concepções de tempo e movimento; sobre essas bases se estabelece a diferença entre concepções de memória.

Aristóteles, em seu tratado *De Memoria*, estabelece relação entre a memória e o movimento. Em *DM I* e, sobretudo, em *DM II*, ao explicar a memória, o lembrar e a anamnese ele descreve movimentos que ocorrem nos processos mnêmicos, os quais explicam como a memória, o lembrar e a anamnese acontecem, por descrição de processos fisiológicos ou por analogias, o movimento é, enquanto categoria aristotélica, explicativo da memória. Com isso também é explicada a relação entre tempo e memória, uma vez que, o tempo também é

⁸ *Met. I, 1, 980b10* τὸ δὲ τῶν ἀνθρώπων γένος καὶ τέχνη καὶ λογισμοῖς.

explicado pelo movimento, *Phys. IV, 10–14, 217b29–224a18*. O que coloca o entendimento do movimento e de suas relações com a memória como necessária à compreensão e explicação do tratado e, portanto, da memória, do lembrar e da anamnese.

A relação memória e movimento pode ser entendida nas seguintes condições:

1. Movimento e memória são relacionados de modo que a memória pode ser explicada em sua relação com o movimento;
2. Por movimento *κίνησις* e cognatos, Aristóteles genericamente refere-se a movimento, e o tratado abrange diferentes casos de movimento nos processos mnêmicos no decorrer do tratado sem classificar de qual tipo;
3. O movimento é genericamente referido nos processos mnêmicos ou indiretamente inferido por analogias explicativas.

As condições asseveram que (1) é possível explicar a memória através da sua relação com o movimento; (2) embora o movimento sirva para explicar a memória, ele não é classificado em tipo específico de movimento, somente é referido genericamente; (3) o movimento está presente no tratado utilizado diretamente sem especificar o tipo de movimento ou indiretamente através de analogias sem utilizar o termo movimento.

Nestas condições a relação entre movimento e memória é evidenciada em:

1. A relação de memória e tempo 449b10–449b28, a medida do tempo, a contagem de movimentos 452b35–453a11 (cf. *Phys. 221b7–14*);
2. A velocidade da atividade mental 449b7–9, 450b10–12 (*Phys. 218b15–218b18*);
3. A mudança *μεταβολή*;
 1. a. *Μεταβολή*, a metacognição da memória, 451a3–9,
 2. b. *Ἐξισταμένοις*, o caso de Antífero de Oreus, 451a9–13;
4. Os movimentos da memória e da anamnese
 1. Anamnese, movimento e sequência de movimentos, por natureza e por hábito 451b12–19, 451b20–21;
 2. A série, cronologia ou associação de ideias, e os seus movimentos 451b21–26, 452b17–25;
 3. A memória em ato, movimentos sincrônicos, tempo e objeto 452b26–35;
 4. Princípio ponto de partida do movimento e o controle ou a falta de controle da anamnese 451b33–452a7, 452a7–18, 453a23–28.
 5. A metáfora do carimbo 450a27–450b;
 6. A metáfora do fluxo d'água 450b–9.

A relação entre movimento e memória seguirá a exposição em três tópicos: (1) A relação entre memória e tempo; (2) A velocidade da atividade mental; (3) Os movimentos da memória e da anamnese.

4.1 A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E TEMPO

A relação entre memória e tempo é introduzida ao tratado em 449b11–449b26, são relacionadas atividades cognitivas específicas as diferentes partes do tempo⁹:

A expectativa e a opinião são próprias do tempo futuro (449b11–15);

A percepção é própria do tempo presente (449b25–28);

E, a memória é própria do tempo passado (449b15).

Aristóteles conclui a partir desta primeira posição a dependência da memória a passagem do tempo (449b28).

Sorabji (1972, p. 66), Annas (1995, p. 302) apontam que Aristóteles não faz referência explícita ao presente especioso, embora reconheça o problema do tempo presente e da passagem do tempo e a relação com a memória, isto é, se a memória está no passado próximo, esse tempo que participa do presente especioso, se há memória de eventos que acabaram de acontecer ou o conhecimento destes pertence a percepção. Medda (2009, p. 10) em referência a Sorabji (2006 [1972]) e Annas (1992 [1995]) defende que o presente aristotélico é o presente instantâneo¹⁰, o agora vūv, e argumenta que a persistência da percepção após o instante se dá função da memória, mesmo que não seja um caso de lembrar.

Aristóteles apresenta a melhor elaboração da relação entre memória e lapso tempo em 451a27–451b. A memória é dependente da passagem do tempo ou do lapso temporal, *χρονισθηῖναι chronestai*. A memória de objetos da percepção ou, acidentalmente, de objetos da intelecção, está no tempo passado e ocorre através de meio que permite o ato mnemônico ou anamnético, a impressão — tratada mais adiante em 4.3.

Não existe memória antes do lapso de tempo, porque ao lembrar da percepção ou de estímulo anterior, o estímulo não é do que é presente, e ao lembrar. Percepção e memória não coocorrem aos mesmos estímulos.

A memória somente acontece após a passagem do tempo presente para o tempo passado. O que constitui a fundamentalidade do tempo para a memória. Esse argumento é

9 Neste sentido em Phys. IV, 10, 217b29–218a8 as partes do tempo são divididas segundo graus de realidade, o que em *DM* a divisão das partes do tempo é segundo atividades cognitivas, as atividades cognitivas se relacionam a diferentes graus de realidade.

10 Em Phys. IV, 11, 219b13–219b34, Aristóteles explica o agora ser em um sentido sempre o mesmo e em outro sempre diferente. O agora é enquanto meio do tempo um e o mesmo e, enquanto o que é carregado pelo tempo é sempre diferente.

iniciado em 449b11–449b26. E continuado em 425a14–425b4 sobre os sentidos próprios e os sensíveis comuns, que são objetos comuns a percepção de mais de um sentido, tudo percebemos por meio do movimento.

Aristóteles resume a relação entre tempo e memória na passagem 451a27–451b no início da segunda parte do tratado, nela ele afirma a passagem temporal como necessária à memória a partir das determinações dispostas anteriormente.

Então, enquanto ocorre o estímulo não é possível recuperá-lo [não há memória do que acontece enquanto acontece]. Ademais, quando é primeiramente produzido no indiviso e último órgão da percepção [na percepção comum], o estímulo atual já está inerente em quem foi estimulado ou tem conhecimento, se necessariamente chamamos conhecimento um estado ou um estímulo [451a30] (nada impede que por acidente se possa lembrar algo de que se tem conhecimento); no entanto, [a disposição para] lembrar em si não existe ainda, sem a passagem do tempo; porque agora lembra da imagem do que foi percebido ou estimulado anteriormente, não do que é estimulado agora, que agora lembra.

A dependência da memória em relação ao tempo também está aprofundado em 452b35–453a11. Aristóteles refere-se a determinação ou indeterminação do tempo passado, porque é possível lembrar através de medida determinada de tempo (a famosa série B de McTaggart) ou através de medida indeterminada (ausência da série B ao lembrar). Assim, o lembrar aristotélico está indissociável da temporalidade passada, no entanto, não requer a determinação da medida do tempo passado. O passado está como algo que é dito que ouviu, viu ou sentiu (ref.), nesse sentido a temporalidade passada é um aspecto metacognitivo da memória aristotélica.

A distinção que Aristóteles evidencia é a diferença entre a dependência temporal entre memorizar e fazer a anamnese, diferença como é salientada não sei limita ao tempo, senão que a memória está presente em outros animais, a anamnese é exclusiva do animal humano. A memória e a anamnese diferem-se em relação ao tempo. Como Aristóteles inicia a segunda parte do tratado por estabelecer que anamnese não é nem a recuperação, nem a aquisição da memória, mas outra atividade, o que Medda (2009, p. 14) interpreta como “the autonomous retrieval of the cognitive content of a memory trace”, conforme 451b. A distinção entre a relação temporal da memória e da anamnese está em: (1) a memória é dependente de um lapso temporal para que os conteúdos da experiência, então potenciais conteúdos da memória, estabelecem como memória; (2) a anamnese não depende do lapso temporal, não do mesmo modo, é possível realizar a anamnese imediatamente após o acontecimento, sem que ainda se tenha formado a memória, porque os conteúdos recuperados são os conteúdos experienciais

que vão formar a memória, assim como através da anamnese é possível recuperar o que é uma memória.

4.2 OS MOVIMENTOS DA MEMÓRIA E DA ANAMNESE

As referências a movimentos atravessam o tratado *De Memoria*, de tal modo que, o tratado pode ser interpretado através dos modos que os movimentos explicam a memória.

Para Aristóteles há diferentes movimentos (κίνησις, kinesis), nas Categorias, são enumerados quatro tipos de movimentos, *Cat. 14*:

- (1) a geração (γένεσις, genesis) e a corrupção (φθορά, phtora),
- (2) o aumento (αύξησις, auxesis) e a diminuição (μείωσις, meiosis),
- (3) a alteração (ἀλλοίωσις, alloiosis),
- (4) e a locomoção (κατὰ τόπον μεταβολή, kata topon metabole; φορά, fora).

G. R. T. Ross (1906, p. 10-11) sobre o *De Sensu* apresenta a fisiologia aristotélica dos sentidos próprios. A sua interpretação destaca a distinção entre os sentidos da visão, audição e olfação, e os da gustação e tato, os primeiros possuem um receptáculo neutro para as qualidades externas de mesma natureza, os últimos, por sua vez, combinam proporções de elementos básicos, os quatro elementos, para registrar as variações do objeto. Nesse sentido, os diferentes órgãos perceptivos atravessam diferentes modificações, os movimentos dos sentidos são relativos aos seus órgãos.

Os movimentos descritos em *Cat. 14* são aprofundados na *Física*. Assim, *kinesis* é o princípio das coisas naturais (*Phys. II, 1, 191b15*), pois estas dispõe nelas próprias princípios de movimento e de repouso no que concerne o deslocamento, ou o crescimento e o decrescimento, ou alguma alteração.

Em *Phys. 201a9-16* a definição de movimento é dada, o movimento é a realização do que é potencialmente, enquanto tal é potencialmente realizável, por exemplo, a realização do que é alterável, enquanto alterável, é alteração, etc, assim para os demais tipos de movimento. Também podemos falar de diferentes movimentos para diferentes seres, então, a realização do que é memorizável, enquanto sendo memorizado, é a memorização. Não obstante, esse movimento da memória é um movimento entre os tipos de movimentos enumerados inicialmente. Cabe determinar qual. Portanto, quais são os movimentos apresentados no tratado *De Memoria* e de quais tipos de movimentos são.

Dos movimentos descritos no sistema aristotélico, o DM explica a memória através de três: o movimento genérico *kinesis*, a geração *genesis* (verbo γίνομαι), e a metáfora do deslocamento *kata topon metabole*.

Acerca da relação entre movimento, percepção e memória, o movimento que está na percepção, por extensão, na memória, é o movimento de alteração, *alloiosis*, somente percebemos as qualidades e as quantidades de objetos, do mesmo modo não conseguimos pensar sem qualidade e quantidade, e os movimentos perceptivos na mente são mudanças qualitativas, a forma e a matéria são apreendidas enquanto qualidades.

Os sentidos. Beare (1906, p. 235) apresenta a distinção aristotélica da classificação de objetos da percepção: (a) os próprios, *ta idia*; (b) os comuns, *ta koina*; (c) os acidentais, *ta kata sumbebekos*. Aristóteles se utiliza dessa divisão de objetos da percepção no *De Anima* para apresentar os sentidos próprios. Os cinco sentidos a que se referem sensações específicas, como o gosto e o som, eles são de objetos que são percebidos por um e apenas um sentido e sobre eles não é possível estar enganado: que o doce é doce, que o vermelho é vermelho. Por exemplo, a visão percebe propriamente a cor dos objetos, em comum percebe as suas linhas e formas, a sua magnitude, o seu movimento e o tempo, por acidente percebe que o objeto é uma pessoa e que essa pessoa é Corisco.

O movimento genérico no *De Memoria* referido por *kinesis* é mudança *metabole*, um movimento indefinido que é a mudança de estado e se relaciona a alteração, a mudança de qualidades. As referências a movimento de modo genérico, *kinesis*, são abundantes na segunda metade do tratado *De Memoria*, são contabilizadas seis referências na primeira parte e trinta e nove na segunda. Sorabji (1972) e reafirma a sua interpretação na segunda edição de sua tradução comentada (2004), que o movimento referido a *anamineskesthai* é do tipo genérico de mudança, *metabole*, como mudança interior sem causa externa.

A contagem de movimentos na memória 452b35–453a11 e na passagem do tempo (cf. *Phys.* 221B7–14) é um modo de conhecer o tempo. Ao contar o movimento segundo o anterior e o posterior conhece-se o tempo, assim Aristóteles define o tempo nas suas investigações da física. Na memória essa contagem está nos movimentos que são do objeto da memória e do tempo, quando se tem memória, move-se simultaneamente em direção ao objeto da memória e no tempo passado (o que se pode ser feito a analogia com a viagem no tempo mental de Michaelian 2...). É somente quando há o movimento do objeto da memória, o conteúdo da memória, em consonância ao movimento da passagem temporal, que há memória.

A anamnese, por sua vez, os seus movimento e a sequência de movimentos que a compõe, que são por natureza através do hábito são explicados em 451b12–19, 451b20–21. A

recuperação da anamnese, como refere-se Medda (2009), ocorrem a partir de um movimento no presente, a partir de uma imagem mental, ao que indica Aristóteles, em direção a outra imagem mental no passado, o que é o princípio de associação de ideias destacado por Sorabji (1972). A série de movimentos ocorre através da primeira imagem que leva a outra e assim sucessivamente até ao que se busca, como exemplificado em 452a15–18. Por hábito, ou seja, percorrer esse caminho com frequência é possível fazer a anamnese mais facilmente, a habituação aos movimentos faz com que esse movimento ocorra como se fosse um movimento natural.

A associação de ideias, ou a série de movimentos, ou a cronologia são melhores explicadas a luz de 451b21–26, 452b17–25. A caça, como se refere Aristóteles, a busca pela imagem mental a ser recuperada através da anamnese, ocorre então a partir de critérios associativos, como a parecência, a oposição e a contiguidade. A anamnese segue de movimentos a partir destes princípios, estes são idênticos ao que se busca, outros são similares ao que é recuperado, ou uma terceira possibilidade são os que são distintos ou parcialmente distintos do que é recuperado, destes é realizado pouco movimento em direção ao que é buscado pela anamnese. Aristóteles exemplifica a busca através de pontos representados por letras as relações entre os conteúdos mentais possíveis de serem recuperados através de movimentos em 452b17–452b25. O que é apresentado são proporções de movimento entre as distantes o ponto inicial e o ponto final.

O princípio ou ponto de partida do movimento e o controle ou a falta de controle da anamnese são explicados em 451b33–452a7, 452a7–18, 453a23–28. Por hábito, isto é, por repetição, os movimentos estabelecem uma tendência a se repetir, a repetição melhora a capacidade de fazer a anamnese e recuperar com sucesso o que se quer lembrar, acidentalmente a repetição do fazer a anamnese melhora a memorização. Ao estabelecer um caminho habitual para a anamnese os movimentos se seguem como se fossem por natureza. Escolher um ponto de partida, isto é, uma imagem mental que inicia o movimento é importante na medida que determina o caminho, a sequência de movimentos e a chance de sucesso na realização da anamnese. Aristóteles apresenta a distinção entre anamnese e reaprendizagem em 452a5–452a7 como a anamnese a possibilidade de mover a partir do princípio em direção ao que se busca, o que é distinto do processo de aprender algo que não é possível saber o destino a partir do princípio. Do mesmo modo, a impossibilidade de ter o princípio internamente, impossibilita a anamnese. Para partir e chegar em imagens mentais a metáfora de lugares é utilizada, então para ir de um a outro lugar é necessário estabelecer um ponto de partida e um ponto de chegada; como o exemplo de associação de 452a15. Portanto, lembrar é ter a possibilidade de mover de maneira bem-sucedida. Por fim, a anamnese não é

controlada por aquele que a realiza, uma vez iniciado o movimento, como uma pedra arremessada, já não é possível controlar o seu destino.

O movimento da memória e da anamnese é no tratado referido genericamente. Ele é indefinido no texto, simplesmente referido por kinesis e cognatos. Não obstante, a partir das condições que são apresentadas, é possível interpretar que o tipo de movimento envolvido na atividade mental e, portanto, na memória é a mudança de qualidades, Ἀλλοίωσις, alteração, movimento de qualidades, como movimento próprio da atividade mental. Isso porque a percepção somente apreende as propriedades das substâncias e não a própria substância, então as suas qualidades. É evidente que o movimento da memória não se trata de aumento e diminuição. Além disso, dos objetos o que é percebido são suas qualidades, é possível inferir que ou o movimento fisiológico envolvido na associação de ideias é de um tipo indefinido, ou é de qualidades que se alteram entre um estado e outro, entre imagens.

4.2.1 A velocidade da atividade mental

Aristóteles relaciona a capacidade de memorizar a velocidade da atividade mental em 449b7–9, 450b10–12. Apesar de Aristóteles não se dedicar extensamente a velocidade em sua filosofia natural, a velocidade é inclusa na explicação da memória. A noção de velocidade pode ser sintetizada em... conforme o que está em...

No contexto do tratado "De Memoria", Aristóteles discute a velocidade em relação às atividades mentais. Ele considera a rapidez e a lentidão das atividades mentais como fatores determinantes nas condições de formação da memória.

Aristóteles argumenta que a velocidade das atividades mentais influencia diretamente a memorização, a capacidade de retenção e a capacidade de recuperação da memória. Por exemplo, se uma pessoa processa informações rapidamente, ela terá maior facilidade em memorizá-las e reter detalhes importantes. Da mesma forma, a velocidade na recuperação da memória afeta a prontidão em lembrar e evocar informações armazenadas anteriormente. No tratado "De Memoria", Aristóteles explora a relação entre a velocidade das atividades mentais e a capacidade da memória, destacando como a rapidez ou a lentidão dessas atividades podem afetar a eficiência da memória.

A atividade mental rápida e devagar 449b7–9, 450b10–12 é apresentada como determinantes nas condições de formação da memória, isto é, na memorização, a capacidade de retenção, e na capacidade de recuperação da memória.

Em 449b7–9 a memória é relacionada ao modo como ocorre a atividade mental. Se a atividade mental é rápida, então é mais fácil realizar a busca própria da anamnese. Por sua

vez, se a atividade mental é lenta, então é melhor a memorização. Essa distinção é evidenciada nas metáforas utilizadas por Aristóteles para explicar a memória.

A noção de velocidade está presente nas duas metáforas da memória apresentadas por Aristóteles. Na metáfora do carimbo 450a27–450b a duração da impressão sobre a superfície determina a qualidade da memória de ser duradoura ao passar do tempo. Na metáfora do fluxo d'água 450b–9 a velocidade do fluxo, a passagem do tempo no amadurecimento ou no envelhecimento determinam a possibilidade de formar a memória ou não. Em ambas as metáforas a noção de velocidade é determinante a possibilidade de retenção, na metáfora do carimbo é o tempo da impressão, quanto mais rápidas as imagens da percepção passam pela memória, menos são retidas, como dispõe Aristóteles inicialmente, os memorizadores são de atividade mental lenta 449b7–9. Por sua vez, a metáfora do fluxo d'água 450b–9 diz respeito a velocidade das mudanças no corpo que percebe, se o corpo está passando por uma série de mudanças como na infância, dada a velocidade que muito acontece em pouco tempo, a retenção não é possível. No entanto, ambas as metáforas são entendidas sobretudo por seu caráter de local da memória, a impossibilidade em função da superfície (de características do órgão) para não haver memória ou memorização.

4.2.2 A mudança

A mudança na filosofia aristotélica não é um tipo de movimento, como descrito anteriormente. Nesse sentido, Aristóteles descreve mudanças que estão na fisiologia da memória. São os casos da *Μεταβολή*, a metacognição da memória; 451a3–9, *Ἐξισταμένοις*, o caso de Antífero de Oreus, 451a9–13; A metáfora do carimbo 450a27–450b.

Aristóteles em 451a3–9 afirma que, às vezes, não temos conhecimento claro de quando esses movimentos ocorreram em nossa mente, porque, ao percebê-los anteriormente, surgem dúvidas sobre se estão reproduzindo corretamente o que foi percebido e se são, de fato, memória. E por não saber se de fato o que dispomos no presente experienciamos anteriormente e recuperamos como memória, ou estamos imaginando, assim temos memória falsas.

Acerca da geração <γένεσις, genesis>, e derivados, não é considerada propriamente um movimento, senão uma mudança. Nesse sentido, como afirmado, a interpretação de Sorabji (1972, 2004) considera que os movimentos envolvidos na memória, o uso de *kinesis* para explicar de modo genérico a existência de um movimento envolvido refere-se a mudança. A geração não pode ser considerada um movimento porque não parte de um ponto a outro, do que existe a outro que existe, ou do que existe ao que existe de modo subjacente. Por

exemplo, do um para o dois, no aumento, da memória para o esquecimento, na alteração, de um local para outro, na locomoção. A geração é o que parte do não-existir para o existir.

Em 450a30 é introduzida a metáfora do carimbo para explicar a geração da memória. Aristóteles diz que o movimento gerado registra como uma cópia o percepto como são os registros com carimbos ἢ γὰρ γινομένη κίνησις ἐνσημαίνεται οἷον τύπον τινὰ τοῦ αἰσθήματος, καθάπερ οἱ σφραγιζόμενοι τοῖς δακτυλίοις. O movimento gerado refere-se ao movimento na percepção, que reproduzem o que é percebido, a memorização, o movimento de gerar a memória imprime na superfície lábil do órgão da memória, dadas as condições do órgão, é registrada a percepção (ou outro estímulo na memória). Aristóteles utiliza terminologia que se referem a mecânica do registro com carimbo, a metáfora do carimbo: ensemainetai o marcar. Pois o movimento gerado marcou [ἐνσημαίνεται] como um impresso [τύπον] do percepto [αἰσθήματος], tal qual se registram [σφραγιζόμενοι] com sinetes.

O caso de Antífero de Oreus 451a9–451a13 apresentado ao final da primeira parte do tratado é a instabilidade, aqueles que mudam de estados frequentemente, isto é que mudam com frequência os estados mentais, as imagens não são as mesmas que se tem da experiência e as que se tem na memória, e as imagens para o Antífero são imagens que não foram experienciadas, mas ele crê erroneamente que sim, nesse caso, tomar como imagem cópia do que foi experienciado no passado, porém nunca foi cópia, é somente uma imagem mental.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Da memória e da revocação**. BINI, E. (trad.). In: ARISTÓTELES. *Parva naturalia*. BINI, E. (trad.). São Paulo: Edipro, 2012.

ARISTÓTELES. **De la mémoire et de la réminiscence**. SAINT-HILAIRE, J. B. (trad.). In: SAINT-HILAIRE, J. B. (trad.; org.). *Psychologie d'Aristote: opuscles Parva Naturalia*. Paris: Dumont, 1847, p.99-136.

ARISTÓTELES. **De memoria et reminiscentia**. McKEON, R. (trad.). In: McKEON, R. (org.). *The Basic Works of Aristotle*. p.607-617. Nova Iorque: Random House, 1941.

ARISTÓTELES. **On Memory**. BEARE, J. I. (trad.). In: BARNES, J. (org.). *The Complete Works of Aristotle: The Revised Oxford Translation*. Volume 1. 4 ed. Nova Jersey: Princeton University Press, 1991.

ARISTÓTELES; BLOCH, E. (trad.; org.) **Aristotle on Memory and Recollection: Text, Translation, and Reception in Western Scholasticism**. Leiden: Brill, 2007.

ARISTÓTELES; ECHANDÍA, G. R. (trad.) **Física**. Madri: Gredos, 1995.

ARISTÓTELES. **Physica**. *Recognvit brevique adnotatione critica instruxit*. ROSS, W. D. (org.). Nova Iorque: Oxford UP, 1950.

ARISTÓTELES. **Physics**. HARDIE, R. P.; GAYE, R. K. (trad.). In: BARNES, J. (org.). *The complete works of Aristotle: the revised Oxford translation*. v.I-II, 5ed. Nova Jersey: Princeton UP, 1995 [1ed. 1984].

ARISTÓTELES; SORABJI, R. (trad.; org.) **Aristotle on Memory**. 2ed. Chicago: University of Chicago Press, 2006 [1ed. 1972].

ARISTÓTELES; CARBONE, A. L. (trad.; org.) **La Memoria e il Richiamo alla Memoria**. *L'Anima e il Corpo: Parva Naturalia*. Milão: Bompiani, 2002.

ARISTÓTELES; ROSS, G. R. T. (trad.; org.) **De Sensu and De Memoria: Text and Translation with Introduction and Commentary**. Cambridge: Cambridge University Press, 1906.

BERNECKER, S. **The Metaphysics of Memory**. Nova Iorque: Springer, 2008.

BERNECKER, S.; MICHAELIAN, K. (orgs.). **The Routledge handbook of philosophy of memory**. Nova Iorque: Routledge, 2017.

BLOCH, E. (trad.; org.). **Aristotle on Memory and Recollection: text, translation, and reception in western scholasticism**. Leiden: Brill, 2007.

MEDDA, R. **Aristotle's On Memory and Recollection: Concepts, Sources, and Innovations of Aristotle's Account of Mnemonic Capacities and Activities**. Acesso em: 20 dez. 2022. Disponível em: Durham E-Theses Online <<http://etheses.dur.ac.uk/43/>>.

PUENTE, F. R. (trad.). Aristóteles, “**Tratado do tempo**”, *Física IV* 10-14. In: PUENTE, F. R.; BARACAT, J. J. *Tratados sobre o tempo: Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p.17-51.

PUENTE, F. R. **Os sentidos do tempo em Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2001.

SCHAFFER, J. **On what grounds what.** In: CHALMERS, D. J. et al. (orgs.). *Metametaphysics. New essays on the foundations of ontology.* p.347-383. Nova Iorque: Oxford UP, 2009.

TULVING, E. **Elements of Episodic Memory.** Nova Iorque: Oxford University Press, 1983.

APÊNDICE

Περὶ Μνήμης καὶ Αναμνήσεως

De Memoria et Reminiscentia

Sobre a Memória e a Anamnese

Aristotle. Aristotelis Opera, Volume 3. Bekker, Immanuel, editor. Oxford: Oxford University Press, 1837. Acesso em 22 dez. 2022. Disponível em <<https://scaife.perseus.org/library/urn:cts:greekLit:tlg0086.tlg024/>>.

I

449b4–450a9 Sobre a memória e o lembrar [449b5], [dizemos] o que são, e por qual causa acontecem, e a qual parte da mente pertencem esse estímulo e o fazer a anamnese. Pois não são os mesmos os que melhor memorizam e os que melhor fazem a anamnese, senão quem melhor memoriza são os lentos, enquanto quem melhor faz a anamnese são os rápidos e ágeis [de pensamento e aprendizado].

449b10–449b11 Primeiro, consideramos de que tipo são os objetos da memória, porque sobre isso muitos se enganam sobre quais são eles.

449b11–449b26 Não é possível lembrar do futuro, pois do futuro somente é possível ter opinião e expectativa “(e se é possível ter conhecimento do que é expectativa, conforme alguns afirmam, essa ciência é a adivinhação)”. Também não é possível ter memória do presente, senão que a percepção é do presente. [449b15] O conhecimento via percepção, não é do futuro, nem do passado, nós somente conhecemos o que está presente através da percepção. A memória é do passado. Já o presente é quando está presente, por exemplo, um objeto branco, quando alguém o vê não pode dizer que está lembrando daquilo que vê enquanto vê. Lembrar tampouco é contemplação, quando alguém contempla um objeto entende aquilo que contempla é um objeto; nem se lembra ao perceber e ao conhecer, porque somente afirma o objeto que está presente; [449b20] porém, quando sem as ações de conhecer e de perceber, conhece e percebe, então é o caso que está lembrando, por exemplo, do objeto formal, que dos ângulos de um triângulo dois são iguais, não porque assim aprendemos e contemplamos, mas porque escutamos, vimos triângulos tais como esses anteriormente; porque quando o lembrar está em ato, [449b25] então se diz na mente, que anteriormente ouviu, ou percebeu, ou pensou.

449b26–449b34 A memória não é nem percepção, nem concepção. Mas desses, da percepção e da concepção, ela é estado ou estímulo, ao passar o tempo. Não há memória do agora no agora, de acordo com o que foi dito também anteriormente, a percepção é do presente, [449b30] a expectativa é do futuro, a memória é do passado. Portanto, toda memória é com o tempo. Assim são somente os mesmos animais que percebem o tempo, os que lembram, e eles lembram com a mesma parte da mente que percebe o tempo.

449b34–450a14 Pois sobre a imaginação falamos anteriormente no *De Anima*, que não há pensar sem imagens mentais; [450a] porque acontece o mesmo estímulo no pensar e no desenhar um diagrama; porque sem usarmos determinação quantitativa para um triângulo, mesmo assim o desenhamos determinado quantitativamente; e quem pensa assim, sem uma quantia determinada, quando não pensa em uma quantia, [450a5] mesmo assim dispõe diante dos olhos [mentalmente] uma quantia determinada, mas não a pensa como uma quantia. Se a natureza da quantia do que é pensado é indeterminada, a quantia posta diante dos olhos é determinada, ela somente é pensada enquanto quantia. Por essa causa, então, não é possível pensar em nada sem a continuidade, nem sem a quantia e nem sem o tempo, os entes que não estão no tempo, [450a10] esses são por outra razão. Necessariamente a magnitude, o movimento, o tempo e as imagens mentais são conhecidos por estímulos da percepção comum. A memória e o que é pensável não são sem imagens mentais. Assim, é evidente que a memória pertence acidentalmente ao intelecto [à parte pensante] e essencialmente pertence a percepção primeira, a percepção comum, pertencem o conhecimento desses: magnitude, movimento, tempo, imagens mentais.

450a15–450a24 Portanto são da percepção primeira. Por isso também a memória está em alguns outros animais, aqueles capazes de memória, e não somente os animais humanos, os quais são capazes de opinião, e sagacidade, também os outros animais, somente dotados de sagacidade são capazes de memória. Se a memória fosse da parte pensante, da mente intelectual, ela não estaria em vários outros animais, além do animal humano, do mesmo modo nem em nenhum mortal, ou seja, nem mesmo no animal humano, [450a20] como nem mesmo agora está em todos os animais porque nem todos percebem o tempo; assim a memória quando em ato, como também dissemos, ou que viu ou ouviu ou aprendeu, porque percebeu anteriormente; porque o anterior e o posterior estão no tempo.

450a24–450a27 É evidente que a memória [450a25] está na mesma parte da alma que também é a mesma parte da imaginação; também o que é propriamente objeto da memória, tanto também é objeto da imaginação, por acidente não é possível ter memória sem imaginação [— e o que é objeto da imaginação não necessariamente é objeto da memória].

450a27–450b12 Impõe-se a aporia: quando o estímulo está presente e a coisa ausente, de que modo é possível lembrar da coisa que não está presente. Isso é claramente porque se deve pensar aquele estímulo que é gerado [450a30] na mente através da percepção e na parte do corpo a qual pertence, que o estímulo é como uma imagem gravada, estado que dizemos ser memória. Pois o movimento gerado marcou como uma impressão, um registro do percepto, tal qual se registram com carimbos. [450b] Por isso também os que são muito movidos por conta de estímulos ou pela idade [os muito jovens] não formam memória, tal como se [o estímulo] no movimento do carimbo imprimisse sobre um fluxo d'água na investida do movimento do carimbo. O mesmo acontece dado o desgaste [da superfície onde está o registro], como em uma construção velha [450b5] [os idosos], e dado o endurecimento do que recebe o estímulo não forma a impressão, o registro. Tanto é por causa disso que os excessivamente jovens como também os idosos não têm memória; fluem [incapazes de retenção] porque esses atravessam o crescimento, aqueles atravessam o envelhecimento [declínio]. Do mesmo modo os muito ágeis e os muito lentos [450b10] não parecem ter boa memória; os primeiros porque são mais úmidos que o devido, os últimos porque estão endurecidos; aqueles por um lado não imprimem a imagem mental na alma, esses, por outro lado, não a fixam [dois problemas de registro: não há permanência nos muito jovens e não há retenção nos muito velhos].

450b12–451a3 Se realmente é isso o que acontece no que concerne a memória, o lembrar é do estímulo ou é do objeto que gerou o estímulo? Porque se é do estímulo não é possível que nos lembremos daquilo que está ausente; [450b15] se o que nos lembremos é do objeto que percebemos anteriormente, que não percebemos no presente, como lembramos o que está ausente? Se o estímulo em nós é como uma impressão ou uma inscrição, por que a percepção disso seria memória de algo diferente, e não dela mesma [da própria inscrição ou impressão]? Porque quando a memória está em ato, esse estímulo [450b20] é o que propriamente contempla e isso é o que percebe. Então, como alguém se lembra do que não está presente? Pois também seria possível ver e ouvir o que não está presente. Ou é mesmo possível que isso aconteça? Pois tanto o desenho de um animal em um quadro é um animal quanto é uma cópia de um animal, isso e aquilo são os mesmos, no entanto o ser de ambos não é o mesmo, e é possível contemplar como animal e como cópia, desse modo, a imagem mental em nós é a representação daquilo que está presente enquanto vê [o objeto presente] e a imagem mental também é a representação [do objeto ausente] daquilo que é visto quando o objeto não está presente. [450b25] Enquanto [a imagem] é do próprio objeto [que está presente], é representação [percepção] e imagem mental, e enquanto [a imagem] é de outro [do que está ausente], a mesma imagem mental é uma cópia e uma memória. [450b30]

Portanto, assim também quando o seu movimento na mente está em ato, se o mesmo não for por si próprio, essa mesma percepção está na mente, o que segue é pensamento ou imagem mental; por outro lado, quando é de outro, na inscrição e no contemplar da cópia, sem estar vendo Corisco vê a cópia de Corisco; aqui diferem o estímulo da própria contemplação [451a] e o estímulo do contemplar o animal desenhado, na mente o primeiro acontece como pensamento apenas, o último porque é uma cópia, é uma memória.

451a3–451a9 E, por causa disso, às vezes não conhecemos quando em nossa mente tais movimentos aconteceram porque nós percebemos anteriormente, [451a5] duvidamos se reproduzem o que tínhamos percebido, e então se são memória ou não; mas acontece que nós pensamos e fazemos a anamnese quando escutamos ou vimos algo anteriormente. Isso acontece porque quando contemplando o que é próprio, quem contempla muda e contempla como o que é de um outro.

451a9–451a13 Também acontece o contrário, [451a10] o caso de Antífero de Oreus e de outros instáveis [nos quais os estados mudam frequentemente]; porque eles dizem que as suas imagens mentais realmente aconteceram e que eles lembram. Porque isso sempre acontece quando eles contemplam por imagem cópia o que não é uma cópia.

451a13–451a16 Os cuidados com a memória a preservam através de repetidamente fazer a anamnese; que o fazer a anamnese [451a15] não é nada mais que contemplar com frequência a imagem-cópia como algo de outro e não como algo próprio.

451a16–451a19 O que é então a memória e o lembrar, dissemos, que é a posse de uma imagem mental, que é uma imagem-cópia daquilo a que a imagem mental se refere, é um estado, e a qual parte a memória pertence em nós, então que ela é da percepção primeira, com a qual também percebemos o tempo.

II

451a20–451a26 Resta falar sobre a anamnese. Primeiramente assumimos como verdadeiras as conclusões até então das discussões preliminares. A anamnese não é nem a reaquisição, nem a aquisição original da memória; porque primeiro quando se aprende ou se é estimulado, a memória nada recupera [451a25] (porque nada disso é anterior para ser recuperado) nem a memória é adquirida originalmente; é somente quando o estado ou o estímulo já foram produzidos [na própria mente] que assim se tem memória.

451a27–451b Então, enquanto ocorre o estímulo não é possível recuperá-lo [não há memória do que acontece enquanto acontece]. Ademais, quando é primeiramente produzido no indiviso e último órgão da percepção [na percepção comum], o estímulo atual já está

inerente em quem foi estimulado ou tem conhecimento, se necessariamente chamamos conhecimento um estado ou um estímulo [451a30] (nada impede que por acidente se possa lembrar algo de que se tem conhecimento); no entanto, [a disposição para] lembrar em si não existe ainda, sem a passagem do tempo; porque agora lembra da imagem do que foi percebido ou estimulado anteriormente, não do que é estimulado agora, que agora lembra.

451b–451b12 Ainda é evidente que o lembrar, mesmo sem que agora a anamnese seja feita, é senão daquilo que no princípio foi percebido ou estimulado. Mas quando alguém recupera o conhecimento ou a percepção ou o estado que antes possuía, esse estado é o que chamamos de memória, [451b5] e é nesse caso que o fazer a anamnese pode ser aplicada ao que foi dito. E, por sua vez, o lembrar acontece, e é acompanhado pela memória. No entanto, não é em todos os casos, que a redisposição daquilo que aconteceu [conta como anamnese], às vezes pode ser [considerado anamnese], em outras pode não ser. Isso porque se pode aprender e descobrir novamente a mesma coisa; [451a10] portanto se deve diferenciar o fazer a anamnese desses casos, e isso é assim porque o princípio da anamnese é mais amplo que o do reaprendizado.

451b12–451b19 As anamneses acontecem porque seguem naturalmente do movimento gerado por outro [movimento]; se [seguem] necessariamente, então ao que o primeiro é movido, o outro também será movido; [451b15] se não [seguem] necessariamente, mas [seguem] por hábito, serão por vários movimentos. Acontece que alguns movimentos são mais habituais que outros; por isso que, às vezes, alguns lembram melhor o que viram uma vez do que outros que viram [a mesma coisa] várias vezes.

451b20–451b21 Quando, portanto, fazemos a anamnese, movemos segundo o que foi movido antes, até movermos para o que já é habitualmente conhecido.

451b21–451b26 O que explica o porquê caçamos através de uma série [de coisas relacionadas], começamos a buscar do momento presente ou de um outro qualquer, a partir do que é parecido ou do que é oposto ou do que é contíguo. Assim a anamnese é gerada; a partir desses movimentos, alguns são idênticos, [451b25] outros simultâneos, outros ainda não possuindo uma parte [em comum], senão o que resta, o que se move segundo essa parte [o restante], é pouco.

451b22–451b33 Assim é que buscam na anamnese, e também quando não a buscam fazer [isto é a anamnese não-deliberada], [lembram-se] quando ocorre um movimento sucessivo ao outro; e, assim ao que acontecem os movimentos antecedentes que, o movimento particular que se busca na anamnese se segue. Por isso não precisamos seguir uma série na qual o início e o fim são muito distantes [451b30] para poder lembrar, mas o que está próximo

serve [por contiguidade ou associação de ideias]; pois é claro que o método é o mesmo, isto é, funcionará por contiguidade, e não tendo sido buscado ou anamneseado de antemão.

451b33–452a7 Pois por hábito, os movimentos tendem a suceder uns aos outros em uma certa ordem. Portanto, quando se deseja fazer a anamnese, faz-se isso: [451b35] é iniciado um movimento em sequência até o movimento que se busca lembrar. [452a] Isso explica por que a anamnese é mais bem-sucedida quando se decide o início do movimento. Isso ocorre porque os movimentos se sucedem uns aos outros, de modo que aqueles dispostos em uma ordem fixa são mais fáceis de lembrar, como as demonstrações da geometria, enquanto os que não seguem uma ordem são mais difíceis de lembrar. [452a5] Nesse sentido, fazer a anamnese difere da reaprendizagem, uma vez que quem faz a anamnese [lembra] pode mover-se para o que segue [a partir] do princípio.

452a7–452a18 Quando não é possível fazer isso por conta própria, mas somente através de um outro [fator externo], então não se tem memória. Muitas vezes o que se quer buscar é difícil de ser anamneseado, mas ainda é possível buscar por isso e encontrar. Isso acontece quando se faz muitos movimentos, [452a10] até que se realize o movimento que sucede a coisa que se busca lembrar. Pois lembrar é ter em si mesmo a potência movente; isso de modo que o mover seja a partir dos movimentos que se tem, como já foi dito. É preciso começar de um princípio [algum lugar como ponto de partida]; por isso às vezes a anamnese é feita a partir de lugares. [452a15] A causa é que se chega rapidamente de um lugar a outro, como, por exemplo, do leite para o branco, do branco para o ar, e a partir daí para o úmido, do qual se pode chegar ao outono, a estação que se buscava lembrar.

452a18–452a30 Em geral, parece que o ponto médio [o que está entre um ponto e outro] em tudo serve como princípio [para fazer a anamnese]; porque se não se lembra ao chegar ao que é anterior [ao que busca], então vai lembrar ao chegar [ao que busca], ou se não, [se não lembrar assim], [452a20] não se lembrará [em nenhuma circunstância], tal como se alguém pensasse a série A B Γ Δ E Z H Θ : porque se não se lembrar [ao chegar] em E, então se lembrará [ao partir] de E para Θ ; porque é possível ser movido em ambas as direções, seja em direção a Δ [seja em direção a Θ também a partir de E]. Se, por outro lado, a busca não for de nenhum desses, se não busca algo entre Z ou Θ , lembrará ao chegar em Γ , caso contrário, [se não lembra em Γ , lembrará] em direção a A, [452a25]; e assim sempre [é possível encontrar o que busca]. Às vezes é possível lembrar quando se parte do mesmo ponto, às vezes não, a causa disso é por que é possível, do mesmo princípio [ponto de partida], ser movido [para mais de um ponto] de Γ em direção a Z ou apenas [chegar] até Δ . Então, se não é movido pelo [caminho] que é mais antigo [a sua causa], será movido em direção ao que é mais habitual [o seu caminho mais frequente]; nesse caso, o hábito funciona como [movimento por] natureza.

452a30–452b7 Por isso, sobre o que pensamos com frequência, fazemos a anamnese mais rapidamente; pois assim [os movimento] um após o outro se seguem por natureza, dessa maneira em ato; [452b] por sua vez, a frequência [do hábito] faz ser [em potência] por natureza. Assim acontecem entre os [movimentos] por natureza, também entre os que acontecem contra natureza e os que são por acaso, sobretudo nesses são por hábito, para os quais a natureza certamente não é a mesma; portanto, por vezes se é movido de um ponto [que é o lugar natural e conseguinte na série], outras vezes para outro [um outro lugar na série], isso acontece especialmente quando algo impele a se mover para outro ponto. [452b5] Por isso quando é necessário se lembrar de um nome, pode acontecer de lembrar um semelhante, então confundimos ao pronunciar o que buscávamos inicialmente. Então é assim que a anamnese é feita.

452b7–452b16 O mais importante, contudo, é conhecer o tempo, seja por medida determinada ou indeterminadamente. [452b10] Deve haver algo pelo qual se distingue o mais do menos, assim como acontece com as grandezas. A intelecção das grandezas e distâncias não é alcançada pela extensão [da intelecção], como alguns afirmam ser o caso da visão [que vai até o objeto] (pois é possível pensar em algo mesmo sem que isso exista); mas sim, por movimento proporcional, uma vez que há no intelecto figuras e movimentos semelhantes. Portanto, em que diferem os pensamentos, quando alguém pensa em objetos maiores e quando pensa em objetos que são menores? [452b15] Pois tudo que é interno [mental] é menor e é proporcional ao que é exterior.

452b17–452b25 Talvez, assim como [na mente] se pode para si receber [através da percepção] algo diferente, mas proporcional, em relação às formas, também se pode receber algo proporcional em relação às distâncias. Por exemplo, ao ser movido de A B, B E, então produz [o movimento de] A Δ ; porque [os movimentos de] A Γ e $\Gamma \Delta$ são proporcionais. Por que então é produzido [o movimento de] $\Gamma \Delta$ em vez de Z H? Isso é por que [os movimentos de] A Γ está para A B, como [o movimento] de Θ para M. Por esses [movimentos] se é movido simultaneamente. Mas se se deseja pensar Z H, então é o mesmo pensar B E, em vez de pensar Θ I para K Λ ; porque estes estão [relacionados] como Z A para B A.

452b26–452b35 Quando então são gerados simultaneamente os movimentos do objeto e do tempo, então, a memória está em ato. Se não se faz assim [não se move para o objeto e no tempo], porém se supõe que faz assim, supõe lembrar; porque é possível estar enganado, e supor que se lembra sem ter memória. Porém não é possível que, quando a memória está em ato, não acreditar que lembra enquanto está lembrando [necessariamente quando lembra, acredita que está lembrando]. Não obstante, se ocorrer o movimento do objeto sem o do tempo, ou o do tempo sem o do outro [do objeto], então não lembra. [452b35].

4523a–453a11 A dualidade do [movimento do] tempo é a seguinte: às vezes é possível lembrar com uma medida determinada, como, por exemplo, que alguém fez algo há três dias, e outras vezes é possível lembrar sem uma medida determinada. Embora se diga que se lembra, pode não se saber exatamente quando, quando não se tem conhecimento preciso sobre o período de tempo. [453a5] É importante notar que os que memorizam e os que fazem a anamnese não são os mesmos, como discutido anteriormente. A diferença entre memorizar e fazer a anamnese não se limita ao tempo, mas também ao fato de que a memória está presente em muitos outros animais, enquanto a anamnese [453a10] é uma capacidade exclusiva do animal humano.

453a11–453a16 Isso é por causa do fazer a anamnese ser como se fosse um tipo de raciocínio [dedutivo]; porque deduz que anteriormente viu, ou ouviu, ou teve algum tipo de estímulo, ao fazer a anamnese e faz isso como se fosse um tipo de busca. Por sua vez, [a capacidade de fazer a anamnese] está presente por natureza somente naqueles que a capacidade de deliberar [453a15] existe [no animal humano]; porque o deliberar é um tipo de raciocínio [dedutivo].

453a16-453a23: Mas o fato de que a afecção e a memória são de natureza corporal em tal caso é indicado pelo fato de que algumas pessoas ficam perturbadas quando não conseguem se lembrar e sua mente fica bloqueada, [453a20] não conseguindo mais tentar se lembrar de nada, especialmente aqueles que são melancólicos, pois são especialmente agitados por essas imagens.

453a23-453a28 A causa pela qual o fazer a anamnese não está sob o próprio controle é que, como aqueles que arremessam alguma coisa não tem mais o controle sobre a coisa arremessada, assim também aquele que faz a anamnese e busca [o que é do passado] move algo em seu corpo, no qual há um estímulo. Por sua vez, são especialmente incomodados [por não ter controle sobre a anamnese] aqueles que têm umidade [nas partes] onde percebem [nos órgãos da percepção], porque essa [superfície úmida] não se aquieta facilmente após ser movida, até que a busca ou o movimento findem.

453a28–453a31 Portanto, é por isso que a raiva e o medo, quando são movidos por algo, [453a30] mesmo movimentos contrários não impedem enquanto esses mesmos [movimentos da raiva e do medo] não cessam, mas [a raiva e o medo] resistem contra esses [movimentos contrários].

453a31–453a35 E o mesmo estímulo parece ocorrer com os nomes, as melodias e as palavras, quando são pronunciados com grande frequência: depois que paramos [de pronunciar ou cantarolar] e não queremos mais, surgem [os nomes, as melodias, as palavras] novamente para [repetir] o canto ou a fala.

453b–453b11 Há aqueles que, assim como os anões, possuem a parte superior [a cabeça] muito grande, esses são mais propensos a esquecer [não têm capacidade de fazer a anamnese com sucesso], pois tanto aqueles que têm as partes muito grandes quanto os que têm muito pequenas, não conseguem manter os movimentos a partir do princípio, tais [movimentos] são perdidos, não conseguem fazer a anamnese facilmente. [453b5] Os jovens e os muito velhos também são mais esquecidos por causa do movimento: uns [os muito velhos] pelo envelhecimento, enquanto os outros [os muito jovens] porque estão em grande crescimento [movimento]; além do mais, as crianças [esquecem facilmente] até avançarem a idade porque [no que diz respeito à memória] são semelhantes aos anões. Portanto, sobre a memória e o fazer a anamnese, foi dito: quais são as suas naturezas e com que parte da mente os animais lembram, [453b10] e sobre como o fazer a anamnese ocorre, e a explicação está dada.

ANEXOS

Περί Μνήμης και Αναμνησεως

De memoria et reminiscencia

Aristotle. *Aristotelis Opera*, Volume 3. Bekker, Immanuel, editor. Oxford: Oxford University Press, 1837. Acesso em 22 dez. 2022. Disponível em <<https://scaife.perseus.org/library/urn:cts:greekLit:tlg0086.tlg024/>>.

I

449b4–449b9 περὶ μνήμης καὶ τοῦ μνημονεύειν [449b5], τί ἐστὶ, καὶ διὰ τίν' αἰτίαν γίνεταί, καὶ τίνι τῶν τῆς ψυχῆς μορίων συμβαίνει τοῦτο τὸ πάθος καὶ τὸ ἀναμνησθεσθαι· οὐ γὰρ οἱ αὐτοὶ εἰσὶ μνημονικοὶ καὶ ἀναμνηστικοί, ἀλλ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ μνημονικώτεροι μὲν οἱ βραδεῖς, ἀναμνηστικώτεροι δὲ οἱ ταχεῖς καὶ εὐμαθεῖς.

449b10–449b11 Πρῶτον μὲν οὖν ληπτέον ποῖά ἐστὶ τὰ μνημονευτά· πολλάκις γὰρ ἔξαπατᾷ τοῦτο.

449b11–449b26 Οὔτε γὰρ τὸ μέλλον ἐνδέχεται μνημονεύειν, ἀλλ' ἔστι δοξαστὸν καὶ ἐλπιστὸν (εἴη δ' ἂν καὶ ἐπιστήμη τις ἐλπιστική, καθάπερ τινὲς φασὶ τὴν μαντικὴν), οὔτε τοῦ παρόντος, ἀλλ' αἴσθησις· [449b15] ταύτη γὰρ οὔτε τὸ μέλλον οὔτε τὸ γενόμενον γνωρίζομεν, ἀλλὰ τὸ παρὸν μόνον. Ἡ δὲ μνήμη τοῦ γενομένου· τὸ δὲ παρὸν ὅτε πάρεστιν, οἷον τοδὶ τὸ λευκὸν ὅτε. ὄρα, οὐδεὶς ἂν φαίη μνημονεύειν, οὐδὲ τὸ θεωρούμενον, ὅτε θεωρῶν τυγχάνει καὶ ἐννοῶν· ἀλλὰ τὸ μὲν αἰσθάνεσθαί φησι, τὸ δ' ἐπίστασθαι μόνον· [449b20] ὅταν δ' ἄνευ τῶν ἐνεργειῶν ἔχη τὴν ἐπιστήμην καὶ τὴν αἴσθησιν, οὕτω μέμνηται τὰς τοῦ τριγώνου ὅτι δύο ὀρθαῖς ἴσαι, τὸ μὲν ὅτι ἔμαθεν ἢ ἐθεώρησεν, τὸ δὲ ὅτι ἤκουσεν ἢ εἶδεν ἢ ὅ τι τοιοῦτον· αἰεὶ γὰρ ὅταν ἐνεργῇ κατὰ τὸ μνημονεύειν, [449b25] οὕτως ἐν τῇ ψυχῇ λέγει, ὅτι πρότερον τοῦτο ἤκουσεν ἢ ἤσθετο ἢ ἐνόησεν.

449b26–449b34 Ἔστι μὲν οὖν ἡ μνήμη οὔτε αἴσθησις οὔτε ὑπόληψις, ἀλλὰ τούτων τινὸς ἕξις ἢ πάθος, ὅταν γένηται χρόνος. Τοῦ δὲ νῦν ἐν τῷ νῦν οὐκ ἔστι μνήμη, καθάπερ εἴρηται καὶ πρότερον, ἀλλὰ τοῦ μὲν παρόντος αἴσθησις, [449b30] τοῦ δὲ μέλλοντος ἐλπίς, τοῦ δὲ γενομένου μνήμη. Διὸ μετὰ χρόνου πᾶσα μνήμη. Ὡσθ' ὅσα χρόνου αἰσθάνεται, ταῦτα μόνον τῶν ζώων μνημονεύει, καὶ τούτῳ ᾧ αἰσθάνεται.

449b34–450a14 Ἐπεὶ δὲ περὶ φαντασίας εἴρηται πρότερον ἐν τοῖς περὶ ψυχῆς, καὶ νοεῖν οὐκ ἔστιν ἄνευ φαντάσματος· [450a] συμβαίνει γὰρ τὸ αὐτὸ πάθος ἐν τῷ νοεῖν ὅπερ καὶ ἐν τῷ διαγράφειν· ἐκεῖ τε γὰρ οὐθὲν προσχρώμενοι τῷ τὸ ποσὸν ὠρισμένον εἶναι τὸ τριγώνου, ὅμως

γράφομεν ὠρισμένον κατὰ τὸ ποσόν· καὶ ὁ νοῶν ὡσαύτως, κἄν μὴ ποσὸν νοῆ, [450a5] τίθεται πρὸ ὀμμάτων ποσόν, νοεῖ δ' οὐχ ἧ ποσόν. Ἄν δ' ἡ φύσις ἧ τῶν ποσῶν, ἀόριστον δέ, τίθεται μὲν ποσὸν ὠρισμένον, νοεῖ δ' ἧ ποσὸν μόνον. Διὰ τίνα μὲν οὖν αἰτίαν οὐκ ἐνδέχεται νοεῖν οὐδὲν ἄνευ τοῦ συνεχοῦς, οὐδ' ἄνευ χρόνου τὰ μὴ ἐν χρόνῳ ὄντα, [450a10] ἄλλος λόγος. Μέγεθος δ' ἀναγκαῖον γνωρίζειν καὶ κινήσιν ᾧ καὶ χρόνον, καὶ τὸ φάντασμα τῆς κοινῆς αἰσθήσεως πάθος ἐστίν. Ὡστε φανερόν ὅτι τῷ πρώτῳ αἰσθητικῷ τούτων ἡ γνῶσις ἐστίν. Ἡ δὲ μνήμη καὶ ἡ τῶν νοητῶν οὐκ ἄνευ φαντάσματός ἐστίν.

450a15–450a24 Ὡστε τοῦ νοουμένου κατὰ συμβεβηκὸς ἂν εἴη, καθ' αὐτὸ δὲ τοῦ πρώτου αἰσθητικοῦ. Διὸ καὶ ἑτέροις τισὶν ὑπάρχει τῶν ζώων, καὶ οὐ μόνον ἀνθρώποις καὶ τοῖς ἔχουσι δόξαν ἢ φρόνησιν. Εἰ δὲ τῶν νοητικῶν τι μορίων ἦν, οὐκ ἂν ὑπῆρχε πολλοῖς τῶν ἄλλων ζώων, ἴσως δ' οὐδενὶ τῶν θνητῶν, [450a20] ἐπεὶ οὐδὲ νῦν πᾶσι διὰ τὸ μὴ πάντα χρόνου αἰσθησὶν ἔχειν· ἀεὶ γὰρ ὅταν ἐνεργῇ τῇ μνήμῃ, καθάπερ καὶ πρότερον εἵπομεν, ὅτι εἶδε τοῦτο ἢ ἤκουσεν ἢ ἔμαθε, προσαισθάνεται ὅτι πρότερον· τὸ δὲ πρότερον καὶ ὕστερον ἐν χρόνῳ ἐστίν.

450a24–450a27 Τίνος μὲν οὖν τῶν τῆς ψυχῆς ἐστίν ἡ μνήμη [450a25], φανερόν, ὅτι οὐπὲρ καὶ ἡ φαντασία· καὶ ἔστι μνημονευτὰ καθ' αὐτὰ μὲν ὅσα ἐστὶ φανταστά, κατὰ συμβεβηκὸς δὲ ὅσα μὴ ἄνευ φαντασίας.

450a27–450b12 Ἀπορήσειε δ' ἂν τις πῶς ποτὲ τοῦ μὲν πάθους παρόντος τοῦ δὲ πράγματος ἀπόντος μνημονεύεται τὸ μὴ παρόν. Δῆλον γὰρ ὅτι δεῖ νοῆσαι τοιοῦτον τὸ γινόμενον [450a30] διὰ τῆς αἰσθήσεως ἐν τῇ ψυχῇ καὶ τῷ μορίῳ τοῦ σώματος τῷ ἔχοντι αὐτήν, οἷον ζωγράφημα τι τὸ πάθος, οὗ φαμέν τὴν ἔξιν μνήμην εἶναι· ἡ γὰρ γινομένη κίνησις ἐνσημαίνεται οἷον τύπον τινὰ τοῦ αἰσθήματος, καθάπερ οἱ σφραγιζόμενοι τοῖς δακτυλίοις. [450b] Διὸ καὶ τοῖς μὲν ἐν κινήσει πολλῇ διὰ πάθος ἢ δι' ἡλικίαν οὗσιν οὐ γίνεται μνήμη, καθάπερ ἂν εἰς ὕδωρ ῥέον ἐμπιπτούσης τῆς κινήσεως καὶ τῆς σφραγίδος· τοῖς δὲ διὰ τὸ ψήχεσθαι, καθάπερ τὰ παλαιὰ τῶν οἰκοδομημάτων, [450b5] καὶ διὰ σκληρότητα τοῦ δεχομένου τὸ πάθος οὐκ ἐγγίνεται ὁ τύπος. Διόπερ οἱ τε σφόδρα νέοι καὶ οἱ γέροντες ἀμνήμονές εἰσιν· ῥέουσι γὰρ οἱ μὲν διὰ τὴν αὔξησιν, οἱ δὲ διὰ τὴν φθίσιν. Ὁμοίως δὲ καὶ οἱ λίαν ταχεῖς καὶ οἱ λίαν βραδεῖς οὐδέτεροι φαίνονται μνήμονες· οἱ μὲν γὰρ εἰσιν ὑγρότεροι τοῦ δέοντος, [450b10] οἱ δὲ σκληρότεροι· τοῖς μὲν οὖν οὐ μένει τὸ φάντασμα ἐν τῇ ψυχῇ, τῶν δ' οὐχ ἄπτεται.

450b12–451a3 Ἄλλ' εἰ δὴ τοιοῦτόν ἐστι τὸ συμβαῖνον περὶ τὴν μνήμην, πότερον τοῦτο μνημονεύει τὸ πάθος, ἢ ἐκεῖνο ἀφ' οὗ ἐγένετο; Εἰ μὲν γὰρ τοῦτο, τῶν ἀπόντων οὐδὲν ἂν μνημονεύοιμεν· [450b15] εἰ δ' ἐκεῖνο, πῶς αἰσθανόμενοι τούτου μνημονεύομεν, οὗ μὴ αἰσθανόμεθα, τὸ ἀπόν; Εἴτ' ἐστὶν ὅμοιον ὥσπερ τύπος ἢ γραφὴ ἐν ἡμῖν, τούτου αὐτοῦ ἢ αἰσθησὶς διὰ τί ἂν εἴη μνήμη ἑτέρου, ἀλλ' οὐκ αὐτοῦ τούτου; Ὁ γὰρ ἐνεργῶν τῇ μνήμῃ θεωρεῖ

τὸ πάθος [450b20] τοῦτο καὶ αἰσθάνεται τούτου. Πῶς οὖν τὸ μὴ παρὸν μνημονεύει; Εἴη γὰρ ἂν καὶ ὁρᾶν τὸ μὴ παρὸν καὶ ἀκούειν. Ἦ ἔστιν ὡς ἐνδέχεται καὶ συμβαίνει τοῦτο; Οἶον γὰρ τὸ ἐν τῷ πίνακι γεγραμμένον καὶ ζῶον ἔστι καὶ εἰκὼν, καὶ τὸ αὐτὸ καὶ ἐν τοῦτ' ἔστιν ἄμφω, τὸ μέντοι εἶναι οὐ ταῦτὸν ἀμφοῖν, [450b25] καὶ ἔστι θεωρεῖν καὶ ὡς ζῶον καὶ ὡς εἰκόνα, οὕτω καὶ τὸ ἐν ἡμῖν φάντασμα δεῖ ὑπολαβεῖν καὶ αὐτὸ τι καθ' αὐτὸ εἶναι θεώρημα καὶ ἄλλου φάντασμα. Ἦ μὲν οὖν καθ' αὐτό, θεώρημα ἢ φάντασμα ἔστιν, ἢ δ' ἄλλου, οἶον εἰκὼν καὶ μνημόνευμα. [450b30] Ὡστε καὶ ὅταν ἐνεργῇ ἢ κίνησις αὐτοῦ, ἂν μὲν ἢ καθ' αὐτό ἔστι, ταύτη αἰσθηταὶ ἢ ψυχὴ αὐτοῦ, οἶον νόημά τι ἢ φάντασμα φαίνεται ἐπελεθεῖν· ἂν δ' ἢ ἄλλου, ὥσπερ ἐν τῇ γραφῇ ὡς εἰκόνα θεωρεῖ, καὶ μὴ ἑωρακῶς τὸν Κορίσκον ὡς Κορίσκου· ἐνταῦθά τε ἄλλο τὸ πάθος τῆς θεωρίας [451a] ταύτης καὶ ὅταν ὡς ζῶον γεγραμμένον θεωρῇ, ἐν τε τῇ ψυχῇ τὸ μὲν γίνεται ὥσπερ νόημα μόνον, τὸ δ' ὡς ἐκεῖ ὅτι εἰκὼν, μνημόνευμα.

451a3–451a9 Καὶ διὰ τοῦτο ἐνίοτ' οὐκ ἴσμεν, ἐγγινομένων ἡμῖν ἐν τῇ ψυχῇ τοιούτων κινήσεων ἀπὸ τοῦ αἰσθέσθαι πρότερον, [451a5] εἰ κατὰ τὸ ἡσθηθῆσθαι συμβαίνει, καὶ εἰ ἔστι μνήμη ἢ οὐ διστάζομεν· ὅτε δὲ συμβαίνει ἐννοῆσαι καὶ ἀναμνησθῆναι ὅτι ἠκούσαμεν τι πρότερον ἢ εἶδομεν. Τοῦτο δὲ συμβαίνει, ὅταν θεωρῶν ὡς αὐτὸ μεταβάλλῃ καὶ θεωρῇ ὡς ἄλλου.

451a9–451a13 Γίνεται δὲ καὶ τὸναντίον, [451a10] οἶον συνέβη Ἀντιφέροντι τῷ Ὀρειτῇ καὶ ἄλλοις ἐξισταμένοις· τὰ γὰρ φαντάσματα ἔλεγον ὡς γενόμενα καὶ ὡς μνημονεύοντες. Τοῦτο δὲ γίνεται, ὅταν τις τὴν μὴ εἰκόνα ὡς εἰκόνα θεωρῇ.

451a13–451a16 Αἰ δὲ μελέται τὴν μνήμην σώζουσι τῷ ἐπαναμνησκείν· τοῦτο δ' ἔστιν οὐδὲν [451a15] ἕτερον ἢ τὸ θεωρεῖν πολλάκις ὡς εἰκόνα καὶ μὴ ὡς καθ' αὐτό.

451a16–451a19 Τί μὲν οὖν ἔστι μνήμη καὶ τὸ μνημονεύειν, εἴρηται, ὅτι φαντάσματος, ὡς εἰκόνοσ οὗ φάντασμα, ἕξις, καὶ τίνος μορίου τῶν ἐν ἡμῖν, ὅτι τοῦ πρώτου αἰσθητικοῦ, καὶ ὧ χρόνου αἰσθανόμεθα.

II

451a20–451a26 Περὶ δὲ τοῦ ἀναμνησθεσθαι λοιπὸν εἰπεῖν. Πρῶτον μὲν οὖν ὅσα ἐν τοῖς ἐπιχειρηματικοῖς λόγοις ἔστιν ἀληθῆ, δεῖ τίθεσθαι ὡς ὑπάρχοντα. Οὔτε γὰρ μνήμης ἔστιν ἀνάληψις ἢ ἀνάμνησις οὔτε λῆψις· ὅταν γὰρ τὸ πρῶτον ἢ μάθη ἢ πάθη, οὔτ' ἀναλαμβάνει μνήμην οὐδεμίαν [451a25] (οὐδεμία γὰρ προγέγονεν) οὔτ' ἐξ ἀρχῆς λαμβάνει· ὅταν δὲ ἐγγένηται ἢ ἕξις καὶ τὸ πάθος, τότε ἢ μνήμη ἔστιν.

451a27–451b Ὡστε μετὰ τοῦ πάθοσ ἐγγινομένου οὐκ ἐγγίνεται. Ἦτι δ' ὅτε τὸ πρῶτον ἐγγέγονε τῷ ἀτόμῳ καὶ ἐσχάτῳ, τὸ μὲν πάθος ἐνυπάρχει ἤδη τῷ παθόντι καὶ ἢ ἐπιστήμη, εἰ δεῖ καλεῖν ἐπιστήμην τὴν ἕξιν ἢ τὸ πάθος [451a30] (οὐθὲν δὲ κωλύει κατὰ συμβεβηκὸς

βεβηκός καὶ μνημονεύειν ἕνια ὧν ἐπιστάμεθα)· τὸ δὲ μνημονεύειν καθ' αὐτὸ οὐχ ὑπάρχει πρὶν χρονισθῆναι· μνημονεύει γὰρ νῦν ὃ εἶδεν ἢ ἔπαθε πρότερον, οὐχ ὃ νῦν ἔπαθε, νῦν μνημονεύει.

451b–451b12 Ἔτι δὲ φανερόν ὅτι μνημονεύειν ἐστὶ μὴ νῦν ἀναμνησθέντα, ἀλλ' ἐξ ἀρχῆς αἰσθόμενον ἢ παθόντα. Ἀλλ' ὅταν ἀναλαμβάνη ἦν πρότερον εἶχεν ἐπιστήμην ἢ αἴσθησιν ἢ οὐ ποτὲ τὴν ἕξιν ἐλέγομεν μνήμην, [451b5] τοῦτ' ἐστὶ καὶ τότε τὸ ἀναμιμνήσκεσθαι τῶν εἰρημένων τι. Τὸ δὲ μνημονεύειν συμβαίνει, καὶ μνήμη ἀκολουθεῖ. Οὐδὲ δὴ ταῦτα ἀπλῶς, ἐὰν ἔμπροσθεν ὑπάρξαντα πάλιν ἐγγένηται, ἀλλ' ἔστιν ὡς, ἔστι δ' ὡς οὐ. Δις γὰρ μαθεῖν καὶ εὔρειν ἐνδέχεται τὸν αὐτὸν τὸ αὐτό· [451b10] δεῖ οὖν διαφέρειν τὸ ἀναμιμνήσκεσθαι τούτων, καὶ ἐνούσης πλείονος ἀρχῆς ἢ ἐξ ἧς μανθάνουσιν ἀναμιμνήσκεσθαι.

451b12–451b19 Συμβαίνουνσι δ' αἱ ἀναμνήσεις, ἐπειδὴ πέφυκεν ἡ κίνησις ἥδε γενέσθαι μετὰ τήνδε· εἰ μὲν ἐξ ἀνάγκης, δῆλον ὡς ὅταν ἐκείνη κινήθῃ, τήνδε κινήθησεται· [451b15] εἰ δὲ μὴ ἐξ ἀνάγκης ἀλλ' ἔθει, ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ κινήθησεται. Συμβαίνει δ' ἐπίουσι ἅπασι ἐθισθῆναι μᾶλλον ἢ ἄλλους πολλάκις κινουμένους· διὸ ἕνια ἅπασι ἰδόντες μᾶλλον μνημονεύομεν ἢ ἕτερα πολλάκις.

451b20–451b21 Ὅταν οὖν ἀναμιμνησκώμεθα, κινούμεθα τῶν προτέρων τινὰ κινήσεων, ἕως ἂν κινήθωμεν μεθ' ἧν ἐκείνη εἴωθεν.

451b21–451b26 Διὸ καὶ τὸ ἐφεξῆς θηρεύομεν νοήσαντες ἀπὸ τοῦ νῦν ἢ ἄλλου τινός, καὶ ἀφ' ὁμοίου ἢ ἐναντίου ἢ τοῦ σύνεγγυς. Διὰ τοῦτο γίνεται ἡ ἀνάμνησις· αἱ γὰρ κινήσεις τούτων τῶν μὲν αἱ αὐταί, [451b25] τῶν δ' ἅμα, τῶν δὲ μέρος ἔχουσιν, ὥστε τὸ λοιπὸν μικρὸν ὃ ἐκινήθη μετ' ἐκεῖνο.

451b26–451b33 Ζητοῦσι μὲν οὖν οὕτω, καὶ μὴ ζητοῦντες δ' οὕτως ἀναμιμνήσκονται, ὅταν μεθ' ἐτέραν κινήσιν ἐκείνη γένηται· ὡς δὲ τὰ πολλὰ ἐτέρων γενομένων κινήσεων οἷων εἶπομεν, ἐγένετο ἐκείνη. Οὐδὲν δὲ δεῖ σκοπεῖν τὰ πόρρω, [451b30] πῶς μεμνήμεθα, ἀλλὰ τὰ σύνεγγυς· δῆλον γὰρ ὅτι ὁ αὐτός ἐστι τρόπος, λέγω δὲ τὸ ἐφεξῆς, οὐ προζητήσας οὐδ' ἀναμνησθεῖς.

451b33–452a7 Τῷ γὰρ ἔθει ἀκολουθοῦσιν αἱ κινήσεις ἀλλήλαις, ἥδε μετὰ τήνδε. Καὶ ὅταν τοίνυν ἀναμιμνήσκεσθαι βούληται, τοῦτο ποιήσει· [451b35] ζητήσει λαβεῖν ἀρχὴν κινήσεως, μεθ' ἧν ἐκείνη ἔσται. [452a] Διὸ τάχιστα καὶ κάλλιστα γίνονται ἀπ' ἀρχῆς αἱ ἀναμνήσεις· ὡς γὰρ ἔχουσι τὰ πράγματα πρὸς ἀλληλα τῷ ἐφεξῆς, οὕτω καὶ αἱ κινήσεις. Καὶ ἔστιν εὐμνημόνευτα ὅσα τάξιν τινὰ ἔχει, ὥσπερ τὰ μαθήματα· τὰ δὲ φαύλως καὶ χαλεπῶς. [452a5] Καὶ τούτῳ διαφέρει τὸ ἀναμιμνήσκεσθαι τοῦ πάλιν μανθάνειν, ὅτι δυνήσεται πῶς δι' αὐτοῦ κινήθῃ ἐπὶ τὸ μετὰ τὴν ἀρχήν.

452a7–452a18 Ὅταν δὲ μὴ, ἀλλὰ δι' ἄλλου, οὐκέτι μέμνηται. Πολτάκις δ' ἤδη μὲν ἀδυνατεῖ ἀναμνησθῆναι, ζητεῖν δὲ δύναται καὶ εὐρίσκει. Τοῦτο δὲ γίνεται κινουῦντι πολλά,

[452a10] ἕως ἂν τοιαύτην κινήση κίνησιν ἢ ἀκολουθήσει τὸ πρᾶγμα. Τὸ γὰρ μεμνησθαί ἐστι τὸ ἐνεῖναι δυνάμει τὴν κινουῦσαν· τοῦτο δέ, ὡστ' ἐξ αὐτοῦ καὶ ὧν ἔχει κινήσεων κινήθηναί, ὡσπερ εἴρηται. Δεῖ δὲ λαβέσθαι ἀρχῆς. Διὸ ἀπὸ τόπων δοκοῦσιν ἀναμνησθεσθαι ἐνίοτε. [452a15] Τὸ δ' αἴτιον ὅτι ταχὺ ἀπ' ἄλλου ἐπ' ἄλλο ἔρχονται, οἷον ἀπὸ γάλακτος ἐπὶ λευκόν, ἀπὸ λευκοῦ δ' ἐπ' ἀέρα, καὶ ἀπὸ τούτου ἐφ' ὑγρόν, ἀφ' οὗ ἐμνήσθη μετοπώρου, ταύτην ἐπιζητῶν τὴν ὥραν.

452a18–452a30 Ἔοικε δὴ καθόλου ἀρχὴ καὶ τὸ μέσον πάντων· εἰ γὰρ μὴ πρότερον, ὅταν ἐπὶ τοῦτο ἔλθῃ, μνησθήσεται, [452a20] ἢ οὐκέτ' οὐδὲ ἄλλοθεν, οἷον εἴ τις νοήσειεν ἐφ' ὧν Α Β Γ Δ Ε Ζ Η Θ· εἰ γὰρ μὴ ἐπὶ τοῦ Ε μέμνηται, ἐπὶ τοῦ Ε Θ ἐμνήσθη· ἐντεῦθεν γὰρ ἐπ' ἄμφω κινήθηναί ἐνδέχεται, καὶ ἐπὶ τὸ Δ καὶ ἐπὶ τὸ Ε. Εἰ δὲ μὴ τούτων τι ἐπιζητεῖ, ἐπὶ τὸ Γ ἐλθὼν μνησθήσεται, εἰ τὸ Η ἢ τὸ Ζ ἐπιζητεῖ. Εἰ δὲ μὴ, ἐπὶ τὸ Α· [452a25] καὶ οὕτως αἰεὶ. Τοῦ δ' ἀπὸ τοῦ αὐτοῦ ἐνίοτε μὲν μνησθῆναι ἐνίοτε δὲ μὴ, αἴτιον ὅτι ἐπὶ πλείω ἐνδέχεται κινήθηναί ἀπὸ τῆς αὐτῆς ἀρχῆς, οἷον ἀπὸ τοῦ Γ ἐπὶ τὸ Ζ ἢ τὸ Δ. Ἐὰν οὖν μὴ διὰ παλαιοῦ κινήται, ἐπὶ τὸ συνηθέστερον κινεῖται· ὡσπερ γὰρ φύσις ἤδη τὸ ἔθος.

452a30–452b7 Διὸ ἃ πολλὰ κινεῖται ἐννοοῦμεν, ταχὺ ἀναμνησθήσεται· ὡσπερ γὰρ φύσει τόδε μετὰ τόδε ἐστίν, οὕτω καὶ ἐνεργεία· [452b] τὸ δὲ πολλὰ κινεῖται φύσιν ποιεῖ. Ἐπεὶ δ' ὡσπερ ἐν τοῖς φύσει γίνεται, καὶ παρὰ φύσιν καὶ ἀπὸ τύχης, ἔτι μᾶλλον ἐν τοῖς δι' ἔθος, οἷς ἢ φύσις γε μὴ ὁμοίως ὑπάρχει· ὡστε κινήθηναί ἐνίοτε κάκει καὶ ἄλλως, ἄλλως τε καὶ ὅταν ἀφέλκη ἐκεῖθεν αὐτόσε πη. [452b5] Διὰ τοῦτο καὶ ὅταν δέη ὄνομα μνημονεῦσαι, παρόμοιον μὲν, εἰς δ' ἐκεῖνο σολοικίζομεν. Τὸ μὲν οὖν ἀναμνησθεσθαι τοῦτον συμβαίνει τὸν τρόπον.

452b7–452b16 Τὸ δὲ μέγιστον, γνωρίζειν δεῖ τὸν χρόνον, ἢ μέτρον ἢ ἀορίστως. Ἔστω δὲ τι ζῷ κρίνει τὸν πλείω καὶ ἐλάττω· [452b10] εὐλογον δ' ὡσπερ τὰ μεγέθη· νοεῖ γὰρ τὰ μεγάλα καὶ πόρρω οὐ τῷ ἀποτείνειν ἐκεῖ τὴν διάνοιαν, ὡσπερ τὴν ὄψιν φασὶ τινες (καὶ γὰρ μὴ ὄντων ὁμοίως νοήσει), ἀλλὰ τῇ ἀνάλογον κινήσει· ἔστι γὰρ ἐν αὐτῇ τὰ ὅμοια σχήματα καὶ κινήσεις. Τίτι οὖν διοίσει, ὅταν τὰ μείζω νοῆ; [452b15] Ἦ ὅτι ἐκεῖνα νοεῖ, ἢ τὰ ἐλάττω; Πάντα γὰρ τὰ ἐντὸς ἐλάττω, ὡσπερ ἀνάλογον καὶ τὰ ἐκτός.

452b17–452b25 Ἔστι δ' ἴσως ὡσπερ καὶ τοῖς εἴδεσιν ἀνάλογον λαβεῖν ἄλλο ἐν αὐτῷ, οὕτω καὶ τοῖς ἀποστήμασιν. Ὡσπερ οὖν εἰ τὴν Α Β Β Ε κινεῖται, ποιεῖ τὴν Α Δ· ἀνάλογον γὰρ ἢ Α Γ καὶ ἢ Γ Δ. [452b20] Τίτι οὖν μᾶλλον τὴν Γ Δ ἢ τὴν Ζ Η ποιεῖ; Ἦ ὡς ἢ Α Γ πρὸς τὴν Α Β ἔχει, οὕτως ἢ τὸ Θ πρὸς τὴν Μ ἔχει. Ταύτας οὖν ἅμα κινεῖται. Ἄν δὲ τὴν Ζ Η βούληται νοῆσαι, τὴν μὲν Β Ε ὁμοίως νοεῖ, ἀντὶ δὲ τῶν Θ Ι τὰς Κ Λ νοεῖ· αὗται γὰρ ἔχουσιν ὡς Ζ Α πρὸς Β Α.

452b25–452b35 Ὅταν οὖν ἅμα ἢ τε τοῦ πράγματος γίνηται κινήσεις καὶ ἢ τοῦ χρόνου, τότε τῇ μνήμῃ ἐνεργεῖ. Ἄν δ' οἴηται μὴ ποιῶν, οἶεται μνημονεῦειν· οὐθὲν γὰρ κωλύει διαψευσθῆναι τινα καὶ δοκεῖν μνημονεῦειν μὴ μνημονεύοντα. Ἐνεργοῦντα [452b30] δὲ τῇ

μνήμη μὴ οἶεσθαι ἀλλὰ λανθάνειν μεμνημένον οὐκ ἔστιν· τοῦτο γὰρ ἦν αὐτὸ τὸ μεμνησθαι. Ἀλλ' ἐὰν ἡ τοῦ πράγματος γένηται χωρὶς τῆς τοῦ χρόνου ἢ αὐτῆ ἐκείνης, οὐ μέμνηται. [452b35].

452b35–453a11 Ἡ δὲ τοῦ χρόνου διττὴ ἐστίν· ὅτε μὲν γὰρ μέτρῳ οὐ μέμνηται αὐτό, οἷον ὅτι τρίτην ἡμέραν ὀδήποτε ἐποίησεν, [453a] ὅτε δὲ καὶ μέτρῳ· ἀλλὰ μέμνηται καὶ ἐὰν μὴ μέτρῳ. Εἰώθασιν δὲ λέγειν ὅτι μέμνηται μὲν, πότε μέντοι οὐκ ἴσασιν, ὅταν τοῦ πότε μὴ γνωρίζωσι τὸ ποσὸν μέτρῳ. [453a5] Ὅτι μὲν οὖν οὐχ οἱ αὐτοὶ μνημονικοὶ καὶ ἀναμνηστικοί, ἐν τοῖς πρότερον εἴρηται. Διαφέρει δὲ τοῦ μνημονεύειν τὸ ἀναμνησθεσθαι οὐ μόνον κατὰ τὸν χρόνον, ἀλλ' ὅτι τοῦ μὲν μνημονεύειν καὶ τῶν ἄλλων ζώων μετέχει πολλά, τοῦ δ' ἀναμνησθεσθαι [453a10] οὐδὲν ὡς εἶπεῖν τῶν γνωριζομένων ζώων, πλὴν ἄνθρωπος.

453a11–453a16 Αἴτιον δ' ὅτι τὸ ἀναμνησθεσθαι ἐστίν οἷον συλλογισμὸς τις· ὅτι γὰρ πρότερον εἶδεν ἢ ἤκουσεν ἢ τι τοιοῦτον ἔπαθε, συλλογίζεται ὁ ἀναμνησκόμενος, καὶ ἔστιν οἷον ζήτησις τις. Τοῦτο δ' οἷς καὶ τὸ βουλευτικὸν ὑπάρχει, [453a15] φύσει μόνοις συμβέβηκεν· καὶ γὰρ τὸ βουλεύεσθαι συλλογισμὸς τις ἐστίν.

453a16–453a23 Ὅτι δὲ σωματικόν τι τὸ πάθος καὶ ἡ ἀνάμνησις ζήτησις ἐν τοιούτῳ φαντάσματος, σημεῖον τὸ παρενοχλεῖν ἐνίους, ἐπειδὴν μὴ δύνωνται ἀναμνησθῆναι, καὶ πάνυ ἐπέχοντας τὴν διάνοιαν, [453a20] καὶ οὐκέτ' ἐπιχειροῦντας ἀναμνησθεσθαι οὐδὲν ἤττον, καὶ μάλιστα τοὺς μελαγχολικοὺς· τούτους γὰρ φαντάσματα κινεῖ μάλιστα.

453a23–453a28 Αἴτιον δὲ τοῦ μὴ ἐπ' αὐτοῖς εἶναι τὸ ἀναμνησθεσθαι, ὅτι καθάπερ τοῖς βάλλουσιν οὐκέτι ἐπ' αὐτοῖς τὸ στῆσαι, οὕτω καὶ ὁ ἀναμνησκόμενος καὶ θηρεύων σωματικόν τι κινεῖ, ἐν ᾧ τὸ πάθος. Μάλιστα δ' ἐνοχλοῦνται οἷς ἂν ὑγρότης τύχη ὑπάρχουσα περὶ τὸν αἰσθητικὸν τόπον· [453a25] οὐ γὰρ ῥαδίως παύεται κινηθεῖσα, ἕως ἂν ἐπέλθῃ τὸ ζητούμενον καὶ εὐθυπορήσῃ ἡ κίνησις.

453a28–453a31 Διὸ καὶ ὄργαι καὶ φόβοι, ὅταν τι κινήσωσιν, [453a30] ἀντικινούντων πάλιν τούτων οὐ καθίστανται, ἀλλ' ἐπὶ τὸ αὐτὸ ἀντικινοῦσιν.

453a31–453a35 Καὶ ἔοικε τὸ πάθος τοῖς ὀνόμασι καὶ μέλεσι καὶ λόγοις, ὅταν διὰ στόματος γένηται τι αὐτῶν σφόδρα· παυσαμένοις γὰρ καὶ οὐ βουλομένοις ἐπέρχεται πάλιν ἄδειν ἢ λέγειν.

453b–453b11 Εἰσὶ δὲ καὶ οἱ τὰ ἄνω μείζω ἔχοντες καὶ οἱ νανώδεις ἀμνημονέστεροι τῶν ἐναντίων διὰ τὸ πολὺ βᾶρος ἔχειν ἐπὶ τῷ αἰσθητικῷ, καὶ μήτ' ἐξ ἀρχῆς τὰς κινήσεις δύνασθαι ἐμμένειν ἀλλὰ διαλύεσθαι, μήτ' ἐν τῷ ἀναμνησθεσθαι ῥαδίως εὐθυπορεῖν. [453b5] Οἱ δὲ πάμπαν νέοι καὶ λίαν γέροντες ἀμνήμονες διὰ τὴν κίνησιν· οἱ μὲν γὰρ ἐν φθίσει, οἱ δ' ἐν αὐξήσει πολλῇ εἰσίν· ἔτι δὲ τὰ γε παιδία καὶ νανώδη ἐστὶ μέχρι πόρρω τῆς ἡλικίας. Περὶ μὲν οὖν μνήμης καὶ τοῦ μνημονεύειν, τίς ἡ φύσις αὐτῶν καὶ τίνοι τῶν τῆς ψυχῆς

μνημονεύει τὰ ζῶα, [45310] καὶ περὶ τοῦ ἀναμμνήσκεσθαι, τί ἐστὶ καὶ πῶς γίνεται καὶ διὰ τίν' αἰτίαν, εἴρηται.